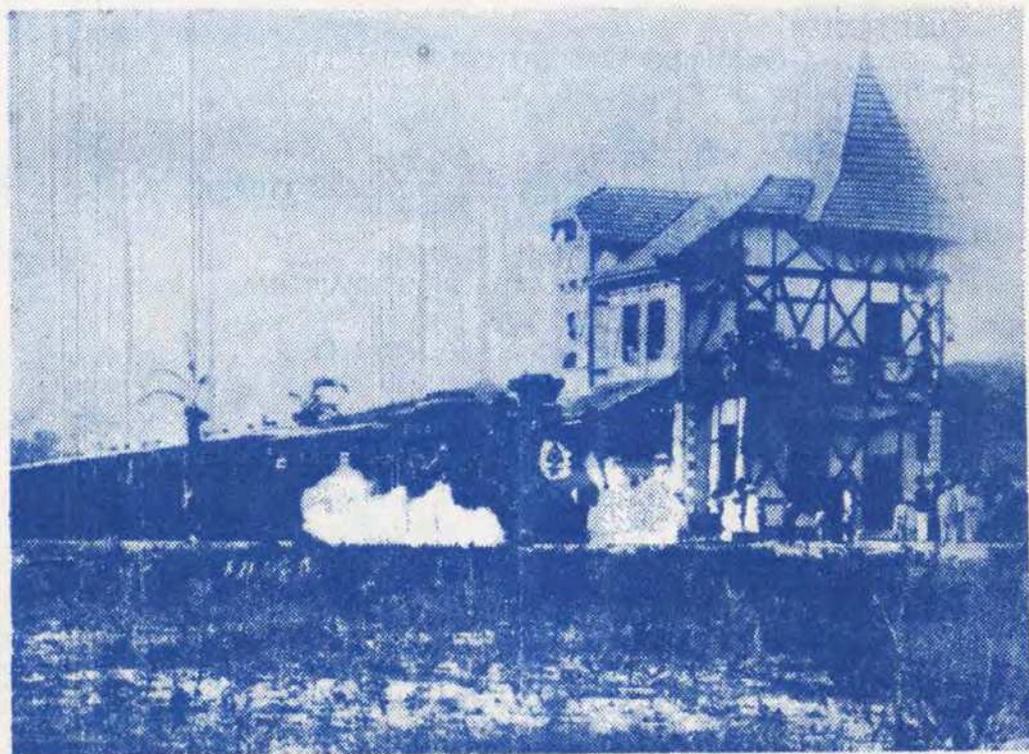


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVII

Maio de 1996

Nº. 5



EFEMÉRIDE DO MÊS — É inaugurado em 03 de maio de 1909, o trecho inicial do tronco ferroviário da Estrada de Ferro Santa Catarina/SA. (Blumenau-Warnow).

IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES
A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO :

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROME CÂNICA LTDA.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVII

Maio de 1996

Nº. 5

SUMÁRIO

Página

Verbetes para Dicionário de História (6) — Theobaldo Costa Jamundá	130
Reminiscências de um cidadão que deixou saudades — José Gonçalves	132
Autores Catarinenses — Eréas Athanázio	135
Reminiscências da 15 — Werner Henrique Tönjes	137
"VIVA-A-VIDA" — um clube de aposentados que não possui regulamentos e estatutos mas que já tem memória histórica — José Gonçalves .. .	139
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	142
Curiosidades de uma Época — S.C. Wahle	143
Aconteceu... há 50 anos passados .. .	144
A Literatura em Língua alemã de autores joinvillenses e blumenauenses — Walburga Huber	145
Peregrino Servita de São Tiago — Antônio Roberto Nascimento	149
Aconteceu... Março de 1996	153
Genealogia das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges	154

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Editor responsável: José Gonçalves — Reg nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Rua 15 de Novembro, 161 — Caixa Postal 425 — Fone 326-6787

89010-001 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CLICHE: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (6)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

1. IMPRESSOS EM GÓTICO SÃO DOCUMENTOS

Livros, revistas, jornais e outros impressos em tipos de caracteres gótico, têm lugar certo e próprio nos arquivos onde a memória é preservada. Quem os tiver não ponha no lixo. Eles merecem preservação: são provas que ancestrais de netos, bisnetos e tetranetos os leram. Dizem que foram leituras de ontem: são documentos relacionados com o passado de um tempo avoengo. Não deixam de ser hoje o que foram ontem.

Os arquivos de Blumenau, Florianópolis, Indaial, Joinville, Lages e outros, nos quais a memória catarinense é viva, são lugares onde os impressos em gótico, ficam bem inteligentemente, arquivados.

O livro escolar impresso em gótico, fabricado em Hamburgo (Alemanha) em 1897, distribuído em Blumenau e usado na escola estrangeira, **foi material escolar dos Altenburg, dos Blaese, dos Baumgarten, dos Brandes, dos Deeke, dos Hennings, dos Hering, dos Müller, dos Odebrecht, dos Persuhn, dos Rischbieter e outros e outros.** Assim ele ficou na História da Educação, e na História da organização comunitária para funcionamento de uma escola particular com apoio externo.

2. TRABALHO CONTRA A FOME

Daniel e João, ambos da árvore genealógica dos Boaventuras, gente com raiz antiga nas terras dos Itajaís, e na galharia conhecida e multiplicada nas terras salgadas e terras serranas, disseram-me, que ali por Indaial quem por primeiro plantou café, chamou-se: Manuel Antonio dos Santos, exatamente, no seu lote medido numa das dobras do "morro do Selin."

Por ali e no detalhe estava a recomendação de dr. Blumenau que atraiu família de Camboriú para mudar-se com a engenhoca fazedora de açúcar e derivados de cana açucareira, e instalar-se em lote com testa no ribeirão do "Caminho das Areias." Área territorial indaialense. Ter café e açúcar foi preocupação caracterizadora da agricultura praticada e definida como de subsistência, onde o milho plantação fundamental assegurou a proteína de carnes e mais ainda o leite. Essa preocupação gerencial do diretor da Colônia Blumenau, **foi diretriz para evitar a fome por ele mesmo observada, no insucesso de várias empresas colonizadoras, algumas das quais com imigrante germânico.**

O progresso social e o progresso econômico apareceram como resultantes do funcionamento da propriedade familiar (ou de subsistência). E esse funcionamento contou com a conscientização associativista e utilização das técnicas cooperativistas. Confira-se ter existido nos abeiramentos de Rio dos Cedros, movimento cooperativista forte e com origem na vontade de 80 italianos e com o nome de "Sociedade de Rio dos Cedros." Conhecida e atuante, essa entidade, manteve relações comerciais com a Europa. Para avaliar-se o espírito desenvolvimentista também do imigrado italiano e seus descendentes, grave-se aquela sociedade foi fundada nos fins de 1893.

Um superintendente (prefeito) municipal estimulador da produção agropecuária, foi Paulo Zimmermann, ele realizou, na povoação de Indaial, em abril de 1917, exposição de produtos e animais. O evento provou que o progresso caminhava, embora o mundo estivesse envolvido na Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Emendando pontas decodifica-se o

título deste verbete: a preocupação evitadora da fome na família colonizadora, possibilitou a escalada para o progresso. E o que se tem hoje como face industrial destacada nas Américas, na Ásia e na Europa, é enraizado naquela prioridade: **ação daquele gerenciamento inteligente e frutificador.**

3. RESTAURADOR DE UM TEMPO

Ocorria o sesquicentenário do imigrado teutônico fazendo Brasil. E quem comemorou sendo autor do livro: "VIARAM EM BUSCA DA LIBERDADE (Os 150 anos da imigração alemã no Brasil)" (1974). Exatamente, foi o mesmo cronista que sabe escrever e falar em português e alemão, naturalmente. E na linguagem de quem é sendo e não por querer parecer que é, vem oferecer à Bibliografia catarinense, o título: **"CRÔNICAS DE BLUMENAU."** Volume de 128 páginas. **Agradável e informativo é restaurador de um tempo. A leitura do livro ocorre como projeção de filme.** E tras para o autor o compromisso de prosseguir liberando da memória quem nela está no avesso da atualidade. Estamos entre os que dizem que o jornalista ALTAIR CARLOS PIMPÃO, deve continuar promovendo o desfile da crônica urbana identificadora de blumenauensidades. O que está e quem está no passado faz a História sendo ela própria.

E no desfile da passarela, que, imagisticamente, é: **"CRÔNICAS DE BLUMENAU"**, puxo pelo braço o inesquecível Alfredo Rodrigues; encontro Maneca Pereira da PRC-4; pergunto a Annemarie por sua irmã Elza, apanho na banca do Miro o último número de **"O CRUZEIRO"**; sento na mesa do Pinguim com Mano Jango; aceno para o **"Lazinho"** da Rádio **"Nereu Ramos"**; e comento com outros aquele chapéu de

diplomata de Frederico Busch Jr.; recebo do prof. Sales a minha carteira de sócio do **"Recreativo Brasil S.C."**; ouço do Hernani Porto (da Estatística) que o Mendes (da Coletoria estadual) com ele e o proteinado Reinoldo Althoff, organizarão passeata quando a Guerra acabar; recontam-me proezas de Alfredo de Carvalho: **"homem sem medo"**; anoto que o atarracado Figueiredo (A.C.) é sempre apressado e disposto; entendo que o Pfau me ouve, um tanto recticente.

As crônicas de Altair Carlos Pimpão fazem viajar para ontem quando ainda existia o **"Bar da Minna Benthien."** E que na memória ficou no lacônico: **BENTHIEN."** Era por primeiro numa velha casa feia. Nela era como o achavamos nós os estranhos, de um jeito alemão atraente, que fosse pelo balcão de madeira maciça com as extremidades ocupadas, de um lado por grandes frascos, sendo um com enroladas sardinhas entre rodela de cebola, outro com boiantes ovos cozidos bem perto de pequeno barril de cerâmica onde navegavam pepinos. No lado oposto os grossos copos curtos ao lado de garrafas com os **"Tira-gosto"** preferidos. Salente entre elas, duas: a do rótulo preto anunciando-se **"Bitter"** e outra pelo contraste das letras amarelas insinuantes: **"Licor de ovos"**. Naquele **"BAR ALEMÃO"** (Como imaginávamos que fosse...) sentia-se o ar de sala avoenga. Um dia saiu daquela casa feia bem na frente do outro de Arlindo Soutinho. Para nós mudou-se levando o mesmo nome, todavia, onde instalou-se, não foi aquele conhecido em 1939. Acolá onde Altair Carlos Pimpão o conheceu, já estava contagiado pelas invencionices do progresso. **O "Benthien" 'de 1939 quando nele estávamos, vivíamos o momento da vida dentro de fotografia de um album, bebericando "KUMMEL".**

BIBLIOGRAFIA DE APOIO :

"A NAÇÃO", Blumenau, SC, 12.03.1943 meu pseudônimo **"Mará"**; **CATÁLOGO ESPECIAL PARA A EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA** (Povoação Indaial) abril, 1917; **Relatório de 1900 do superintendente** (Prefeito) municipal José Bonifácio da Cunha.

Reminiscências de um calçadão que deixou saudades

(José Gonçalves)

A segunda Grande Guerra havia terminado. O mundo começava a ajustar-se novamente em suas comunidades, buscando os povos maior fraternidade. Isto também acontecia aqui no Brasil, cujo povo muito penou pela escassez de muitos produtos que dependiam na época, de importação. E o povo blumenauense também não ficou fora destes atropelos.

Diante dos ajustes que as comunidades procuravam fazer para melhorar suas condições de vida, Blumenau também redobrou suas atividades fabris e seu povo continuou trabalhando cada vez mais. Mas, era preciso que, ao par do que se trabalhava, também fossem reestruturadas suas condições sociais para que o blumenauense, como tradicionalmente acontecia anteriormente, pudesse também divertir-se. Assim, os salões foram reabertos com mais alegria, as sociedades de atiradores, que haviam paralisado suas atividades face às perseguições resultantes de atos governamentais, também ressurgiram para alegria de seus associados. Isto acontecia em todos os bairros da cidade, ou melhor do município.

Mas era preciso que esta comunidade também tivesse seus encontros semanais para que não fosse perdido aquele élan fraterno que sempre caracterizou a vivência do povo blumenauense. Assim, surgiu não sabemos de quem, a idéia de criar-se, aos domingos a partir das 17 ou 18 horas, um calçadão na rua 15 de Novembro, que atraísse para lá o povo em geral. Sim, o

povo procedente de todos os bairros para este encontro dominical, assegurando-se, com isso, o entrelaçamento fraterno de centenas de famílias que residiam nos diversos bairros e subúrbios. E o calçadão tornou-se uma bela realidade.

Aos domingos, a partir do término da primeira sessão de cinema do Cine Busch, que começava às 15 horas, e da missa das 19 horas, o calçadão começava a receber o povo para o passeio. A extensão percorrida e interditada para o trânsito de automóveis, era da esquina da rua Floriano Peixoto, na qual encontrava-se o popular Hotel Pauli, até a esquina da rua 15 com a Alameda Rio Branco, onde era encontrada a Casa Kieckbusch e, em frente, o suntuoso Hotel Holetz. Às 17 horas, começava nova sessão de cinema. Enquanto o povo aguardava a sessão das 19 horas, circulava pelo calçadão. Naquele horário, os frequentadores da sessão das 17 horas povoavam a rua 15 e os que por ali se achavam, — nem todos, é claro, — dirigiam-se ao Cinema para aquela sessão das 19 horas. E vinha, após, a última sessão das 21 horas, acontecendo o mesmo fluxo e refluxo dos frequentadores. E o calçadão permanecia lotado, com o vai-e-vem de centenas de pessoas — muitos namorados e outros procurando sua namorada ou seu namorado, sob as vistas cautelosas dos pais das jovens e dos jovens.

Para enriquecer ainda mais aquele fim de domingo no calçadão, havia a projeção de um cinema de rua, denominado de Cine Fa-

rol, cuja máquina projetora achava-se instalada no andar superior do prédio que funcionava, no térreo, a então Gráfica 43 S/A., loja, isto é, na esquina da rua 15 com a atual Ângelo Dias. Este Cine Farol, projetava desenhos, comédias, noticiários, etc., alegrando principalmente à petizada, cujas crianças acomodavam-se sentadas ao longo da calçada que ia daquela esquina até o Café Pinguim. Outros assistiam os filmes em pé e tudo era atração agradável e alegre para todos.

O Café Pinguim abrigava em seu longo corredor ladeado pelo balcão, dezenas de pessoas que ali compareciam e permaneciam longas horas em grupos conversando sobre os últimos acontecimentos, especialmente os do domingo, por exemplo, as peripécias do futebol acontecido. Entre um papo e outro, todos saboreavam o excelente cafezinho preparado com esmero pelo simpático e agradável baixinho Juvenal, de saudosa memória. Juvenal, apesar de possuir um ferimento na perna que não queria sarar de jeito algum, ainda reunia forças para sorrir para todos e servir o cafezinho com a melhor boa vontade. Ele só deixou-nos boas recordações. Por isso, é merecedor destas referências de hoje.

Dentre os que formavam grupos de bate-papo no Pinguim, era comum encontrar-se o popular poeta repentista João Vieira (o Mano Jango), o Luiz Reis, jornalista emérito, conhecido por Lulu, o jornalista Mauricio Xavier, os jornalistas e empresários Federico Carlos Allende e Cássio Medeiros, o popular e benquisto rádio-jornalista Manoel Pereira Júnior, (o Manéca da Rádio), o Jener Reinert, seu irmão Jeser (de saudosa memória), o Dalmo Feminela mais conhecido

por Dalmo Suarez, o então garotão Luiz Antonio Soares, o Alvaro Correia, o Evilásio Vieira, (Lazinho), então aplaudido atacante da equipe de futebol do Palmeiras e tantos outros.

Foi no calçadão da rua 15, daqueles bons tempos que ultrapassaram a década de 50, que muitos casais, — pais e avós de hoje, — conheceram-se. Eles circulavam de mãos dadas, conversando muito. Dentre eles, podemos destacar, hoje, o Nicolau Eloi dos Santos, popular atacante do Olímpico, com sua namorada Medla, o Adyr Boos e sua namorada Yone, o Orlando Olinger com sua namorada Nair, o Renato de Mello Vianna e sua namorada Carmem Lucia de Carvalho Rosa, o jovem Paulo Bayer e sua namorada Yara Rodacki, o jovem Orlando Gomes e sua namorada Vera Rodacki, o Luiz Antonio Soares e sua namorada Rose, o João Coutinho e sua namorada, hoje esposa, e muitos outros pares, de cujo namoro resultou o casamento durável até os dias de hoje. Circulavam ainda pela rua 15, numerosos rapazes e moças, cada qual procurando encontrar seu par. Eram famílias que se uniam pelos encontros de seus filhos. Era o espírito de comunidade social que reinava naquele local tão agradável. Nesses passeios de esquina a esquina, os jovens pares e outros ainda avulsos, assim como famílias inteiras, frequentavam a afamada sorveteria e café Polar, do Pedro Santana, em cuja sala que oferecia agradável vista para o rio Itajaí, acomodavam-se para saborear sorvete ou outras guloseimas que a casa oferecia. Ao lado da Polar, encontrava-se a Fiambreria Seleta, de Fritz Koehler. Não digamos ao lado, mas nas proximidades.

Lembro-me de ter avistado com

frequência passeando pelo calçadão ou estacionados nas proximidades do Pinguim, o saudoso João Alfredo Rebelo, o então jovem Edi Grossembacher, os irmãos Horácio e Airton Rebelo, o Osni Jacobsen, que, mais tarde, tornou-se concunhado do Jeser Joci Reinert, porque casaram-se respectivamente com as irmãs Kielwagen, filhas do saudoso Erich Kielwagen.

Era comum, durante a passeio pelo calçadão, encontrar-se alguns padres franciscanos da igreja mariz, fazendo seu passeio após cumprirem sua missão dominical. Entre eles, lembro-me do Frei Efren, Frei Waldemar, Frei Odo, Frei Feliciano, Frei Lucio, Frei Elias e outros cujos nomes esquecemos no momento. Era agradável encontrar-se esses sacerdotes, isto porque eles usavam seus hábitos costumeiros que os destacavam do povo em geral. Por isso, eram muito respeitados e admirados. Recebiam fartos cumprimentos e até homenagens de atenção especial do público, porque eram logo reconhecidos. Infelizmente hoje está difícil de reconhecer um sacerdote no meio de um público, quando eles se vestem com trajes populares e não trazem nada que os possa distinguir como sacerdote. Mas, o modernismo hoje parece-nos irreversível.

Retornando ao saudoso calçadão daquelas décadas, referindo-nos ainda ao cine Farol, faltou afirmar que as projeções eram feitas sobre uma tela afixada do outro lado da rua, junto ao prédio do sr. Sauer.

Muitas outras facetas apresen-

tava o calçadão. Não nos é possível lembrar tudo num simples relato. Mas, estamos certos de que numerosos dos nossos leitores haverão de lembrar-se de outros detalhes interessantes daqueles bons tempos e nos enviarão colaborações para que possamos enriquecer ainda mais estas reminiscências do velho calçadão da rua 15, das décadas iniciadas por volta de 1945 e que se prolongou até por volta de 1960.

Como últimos lampejos de lembrança, vamos relacionar os jovens rapazes e moças que desfiliavam pelo calçadão, naqueles fins de domingos, que, juntamente com muitos outros que nos fogem à memória, ornamentavam aquelas horas agradáveis de encontro da comunidade blumenauense. São eles: Waldir Luz, Jener Reinert, Newton João Laux, Jeder Reinert, Hans Schadrack, Marlo Germer, Aldo Lobe, Jeser Joci Reinert (de saudosa memória), Gervásio Luz, Marili Deeke, Armando Luiz Medeiros, Rolf Herwig, Geraldo Luz, Aiga Deeke Barreto, Wilson Rodaki, Jorge Luiz Rodacki, Rui Moreira da Costa, Julio Cesar Rodacki, Lygia Pereira, Marco Antonio Rodacki, etc.

Esperamos que nossos leitores se disponham a cooperar, enviando-nos outros detalhes sobre aqueles saudosos anos em que, o ponto de encontro da sociedade blumenauense começava pelo calçadão da rua 15 e se estendia pelos diversos salões localizados nos bairros, subúrbios e no centro de Blumenau.

A PEDRA DO RAIO

Segundo a ciência, existe diferença entre corisco e raio, embora os dicionários em geral os tratem como sinônimos. Informam os manuais que corisco é um meteoro luminoso que rasga nuvens eletrizadas sem ser acompanhado de trovão. É aquela faísca silenciosa, extremamente rápida, que fulgura no céu por segundos e some sem deixar vestígio. «Está coriscando, está calmariando», diziam os antigos.

Já o raio é um meteoro elétrico que se manifesta durante a tempestade, podendo dar-se entre duas nuvens ou entre a terra e as nuvens. É sempre seguido de luz e estrondo ou detonação, isto é, o relâmpago e o trovão. Assim, o relâmpago seria a luz do raio e o trovão o seu som.

Enquanto que o corisco é silencioso, o raio é barulhento. Aquele é em geral inofensivo para o que está em baixo, ao passo que este pode ser mortal quando atinge alguém e causador de danos nos objetos por onde desce ou que estejam próximos.

Corisco ou raio, são ambos fenômenos que não agradam a ninguém, exceto cientistas ou algum artista interessado nos seus efeitos. Nunca conheci aficionados deles. Costumam despertar temor nas pessoas, multiplicando-se as histórias sobre eles, existindo a respeito imenso folclore que mestre Mário Souto Maior ainda não se lembrou de pesquisar.

Um dos casos curiosos, que ouvi muitas vezes, desde a infância, é o da pedra do raio. Corria nos Campos Gerais a afirmação de que alguns raios, caindo com muita violência, traziam na ponta uma pedra que descia como projétil, perfurando o que atingisse e penetrando fundo no chão. Seriam raios malignos ou poderosos, aqueles que infundiam maior temor nos que estavam isolados nos campos ou troteavam em seus cavalos pelas coxilhas e carreiros.

Essa pedra, segundo diziam, e alguns até afirmavam ter visto, era sempre lisa e branquicenta. Seu formato lembraria um peixe de bom tamanho, um tanto recurvada, e mais fina nas pontas. É fácil imaginar o estrago que provocaria semelhante objeto, com o peso aumentado pela queda das alturas e impulsionado por forte descarga elétrica. Não admira que se enterrasse tanto, mesmo no solo duro dos descampados.

Confesso que nunca vi tais objetos celestes, mesmo porque a prudência aconselha distância deles. Conservá-los constituiria permanente perigo. Conforme o povo, elas funcionam como chamarisco de outros raios.

A OBRA DE EDITH

Com determinação, vencendo obstáculos, a historiadora Edith Kormann concluiu a publicação dos volumes já escritos de sua volumo-

sa obra «Blumenau — Arte, Cultura e as Histórias de sua Gente», embora prometa mais um, ainda por escrever, abordando aspectos que escaparam aos anteriores.

Neste quarto tomo ela focaliza as artes plásticas, artesanato, fotografia, cinema, folclore, edificações, esportes, guarnições militares etc. Destaca diversos clubes e entidades, fornecendo sobre tudo elementos informativos de difícil acesso e que agora se encontram à disposição numa só obra. A extinta Fundação «Casa Dr. Blumenau», hoje sucedida pela Fundação Cultural de Blumenau, mereceu capítulo especial onde é relatada sua história, desde a fundação, e os seus objetivos. Creio ser essa a primeira abordagem completa da Instituição.

Também os indígenas que habitavam a região mereceram um capítulo especial em que são descritas particularidades de sua vida e relatados episódios curiosos, como a entrada em cenas dos bugreiros, batedores-de-mato e pacificadores, tudo com base em pesquisas intensas, documentos confiáveis e até fotos. É uma pena que a autora não tenha alongado esse tópico.

Daqui para a frente será indispensável a leitura dessa obra pelos pesquisadores e curiosos da história regional. Creio que nela nada importante foi esquecido e o leitor não deixará de encontrar respostas para suas indagações.

DUAS UNIVERSIDADES

Duas Universidades de Nosso Estado merecem admiração pelo esforço que vêm desenvolvendo, apesar das dificuldades, para se afirmarem em definitivo como centros respeitáveis de ensino e pesquisa. Refiro-me à Universidade do Contestado (UnC), **campus** de Canoinhas, a antiga FUNPLOC, onde lecionei vários anos, e a Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), **campus** de Chapecó.

A primeira delas, dirigida pelo Prof. Gaston Cazamajou Bojarski e assessorada pelo escritor Fernando Tokarski, além das atividades acadêmicas, promove palestras, exposições de arte, lançamentos de livros, concurso literário, concertos musicais, feiras de livros, cursos paralelos e outras atividades culturais. Criou um núcleo cultural, uma livraria universitária, mantém programa radiofônico e está publicando o jornal «Transparência», já em seu terceiro número.

A segunda, a par dos cursos regulares, publica duas revistas — uma jurídica e uma literária —, além de um jornal, tendo como coordenadora de publicações a Prof^a. Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz. Publica também os cadernos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste (CEOM), entidade que vem realizando um levantamento sério e confiável do passado regional, parte do qual foi reunida no excelente volume «Para uma História do Oeste Catarinense», que comentei nesta coluna (1995).

Imbuídas do verdadeiro espírito universitário, essas instituições realmente influenciam o meio social em que atuam, e para melhor, além da formação de profissionais de várias especialidades.

LIVRESPAÇO POÉTICO

Nascida no Funchal, na Ilha da Madeira, mas brasileira de coração e criação, Dalila Teles Veras é poeta, agitadora cultural e editora. Editou a revista «Livrespaço» e mantém o boletim «Alpharrábio», além de um espaço lítero-cultural do mesmo nome. Estes versos foram colhidos num de seus mais sentidos poemas :

I

Solitária garça
mergulha no rio
solitário homem
atira a tarrafa
fatalistas, bem sabem ambos
da incerteza do gesto

II

Com seus ponteiros quebrados
o relógio da trancada igreja
é presença silenciosa
assinalando a morte da fé

III

Solenes e mudos
recolheram as cadeiras das calçadas
e postaram-se à frente do ícone
O planeta substitui a aldeia
na voz do Cid Moreira

REMINISCÊNCIAS DA 15

WERNER HENRIQUE TÖNJES

Dedicadas ao meu filho Carlos Henrique

1. OS FELINOS

Havia na 15 uma casa comercial muito antiga e tradicional de gêneros alimentícios nos anos 40 e 50. Quem ali passasse em frente e a noite deparava com uma enorme quantidade de gatos circulando. A função dos felinos era a de patrulhar a área do depósito onde eram estocadas as batatas e outros produtos requerentes de umidade e escuridão, evitando a ação de roedores, eliminando-os.

Os bichanos, cômicos de sua responsabilidade, concentravam-se na calçada e na frente da loja, uns cuidando de sua própria aparência passando a língua nos pelos e outros acomodados observando o movimento.

2. O VERME NO CAJÚ

O Tönjes também conhecido como Toenjes, Tónjes ah, que pronúncia difícil o "Tenges", vendia em seu balcão muito chocolate. Uma fábrica paulista

fornecia barras de chocolate muito aceitas pela classe média. Certa vez houve lançamento de uma nova barra com cajú. Como o maior cliente e saboreador era o seu proprietário, não tive dúvidas em degustar o mesmo. Partindo a barra no meio, deparei-me com um cajú inteiro, porém bichado, com o verme vivo também se deliciando da semente de cajú. Telefonando ao viajante este veio de Londrina ver o que havia. Vendo as 50 barras ele disse: Um verme no cajú? Ele é limpo, até indígenas comem o verme do côco. Vendo minha determinação em recusar ele continuou: Qual é o problema, quem são os compradores dos nossos chocolates? Não são geralmente aqueles que a noite vão ao cinema ver filmes? Pois então, no escuro vendo a película ninguém se dá conta do detalhe." Disse-lhe que não concordava com o "detalhe" e pedi a devolução. Como ficou visivelmente contrariado pelas implicações de procedimento fiscal de devolução, notei que este argumento usado pelo viajante de o pessoal comer o verme no cajú dentro do cinema, tinha sido usado com sucesso em outros estabelecimentos.

3. A GALINHA MIROLHA

Muitas casas na 15 ofereciam morada e alimentação aos seus empregados; não havia pensão que compensasse; era muito mais barato acomodá-los no local de serviço, ainda mais que a mão de obra sempre era de fora.

Era comum que no terreno dos fundos, assim era chamado o que hoje é a beira-rio, Avenida Castelo Branco, se criassem galinhas e um vizinho tinha cabras.

Dentro de casa um quarto maior acomodava três empregadas no máximo, e plena alimentação era oferecida no Café Tönjes, isto também nos anos 40 e 50. No quintal havia galinhas. Uma destas galinhas era de cor preta e tinha um olho só. Na escolha do prato do

dia a galinha preta era poupada pois a encarregada de lhe torcer o pescoço quando via a penosa com uma só visão sentia certo temor e respeito ainda mais que o bípede ao ouvir um ruído esticava o pescoço e girava a cabeça até que o olho são encarasse lateralmente. — Nisto a cabeça movimentava-se de cima para baixo e de baixo para cima até localizar a origem. Todos na Casa sabiam da existência do bicho e volta e meia perguntavam na cozinha se a penosa seria morta, ao que se respondia negativamente.

Um dia todavia veio a decisão: Ela seria sacrificada para o bem da gastronomia. Num dado momento em que a ave mirava um grão de milho do lado direito a cozinheira lhe saltou ao pescoço do lado esquerdo e pegando a cabeça com o olho cego lhe torceu o pescoço e um mé foi ouvido. Deu um gostoso ensopado. Após todos terem se servido da panela com a gostosa carne branca bem temperada com aipim, foi dado a notícia. Ninguém queria comer a galinha preta e mirolha; foi uma consternação geral. Mas... como estava deliciosa! E agora o que fazer a não ser esperar uma boa digestão...?

4. O CAIXÃO

Havia na 15 uma marcenaria já nos anos 30 e era tradicional. Ao meio dia o proprietário deitava dentro de um caixão funerário, e tinha muitos de todos os tamanhos e classes. Como era quente, o marceneiro encostava a tampa e ao meio dia fazia a sua "siesta" após as refeições. Como necessitava de mão de obra, colocou um aviso "precisa-se de um aprendiz." Um candidato veio e vendo o galpão aberto começou a chamar "ô de casa" "tem alguém aí?" e foi adentrando no estabelecimento, atulhado de caixões negros. Esses chamados acordaram o dorminhoco perto dali que, com as mãos, procurou apoio lateral a fim de levantar-se. Esta movimen-

tação foi ouvida pelo jovem desempregado. Olhando na direção do ruído viu um corpo de cabelos esbranquiçados, levantando-se lentamente do caixão. Após o primeiro momento de terror, recobrou-se do choque e correu o mais que pôde para fora do local gritando que o defunto tinha ressuscitado. Um dia antes o rapaz tinha lido histórias de dráculas, vampiros e morto-vivos, algo influenciador no seu modo de agir no dia seguinte. Toda a velha guarda blumenauense conhece este fato. (Braga)

5. A PEDRA DE ISQUEIRO

Na 15 havia nos anos 30 e 40 dois comerciantes, um era varejista, o senhor Ch., o outro atacadista, o comerciante K. Quando o atacadista se deu conta, viu que o fiado dado tinha crescido em demasia e nada do varejista pagar. Cortou-lhe o crédito e pediu ao Ch., que honrasse o seu compromisso. Nada. Furioso, sem ter meios de obrigar o varejista comerciante da 15 localizado perto do antigo Cine Blumenau a pagar, o comerciante atacadista K.J., bolou um jeito de receber o dinheiro devido. Dia-

riamente mandava uma pessoa diferente a loja de Ch., pedir pedras de isqueiro. Após uns 20 dias com tantos (falsos) clientes pedindo pedras de isqueiro, anteendo um bom negócio, Ch. apressou-se a pagar a antiga conta e pediu um quilo de pedras de isqueiro pagas a vista.

Agora tinha chegado a hora de K., há tempos esperando para dar o troco ao relapso varejista. Do diâmetro da pedra de isqueiro escolheu um arame e cortado em pedaços menores iguais ao comprimento da pedra de isqueiro, preparou quase 1000 grs deste produto e o misturou com algumas pedras de isqueiro. Embalada, foi a encomenda entregue ao varejista que, calculando um bom negócio, com tanta gente pedindo pedra de isqueiro, pagou satisfeito. Noutro dia e nos dias seguintes ninguém mais pediu pedra de isqueiro, eis que nada mais era que "pau mandado" e Ch., ficou no prejuízo. Foi assim que o atacadista deu o troco ao devedor, eis que não havia correção monetária, multa, juros mas já havia inflação, em uma conta presumivelmente perdida. (Hohendorf)

"VIVA-A-VIDA" - um clube de aposentados que não possui regulamentos e estatutos mas que já tem memória histórica

(José Gonçalves)

A gentileza é do caro amigo e companheiro Newton João Laux, que nos forneceu os dados principais e importantes para o que vamos a seguir relatar, mostrando que a união fraterna entre as pessoas também resulta em importante memória histórica e resgate da própria história.

No mês de outubro do ano de 1989, quando completou seus 80 (oitenta) anos bem vividos, o conhecido e estimado

cidadão José Marques Vieira, de saudosa memória, que, no passado compunha a direção, como sócio, da firma COMERCIAL VIEIRA BRUNS, de elevado conceito, resolveu festejar o importante evento de sua vida, convidando diversos amigos, na maioria aposentados, que faziam costumeiro "ponto" de encontro diário na Praça Dr. Blumenau, para que, com ele, registrasse o acontecimento de sua vida, saboreando uma costelada.

Assim sendo, foi marcada uma data de meados de novembro, uma segunda-feira, para que, nas dependências do G.E. Olímpico, todos os convidados se reunissem ali. Eram cerca de 18 os amigos convidados pelo Zequinha, como era chamado pelos amigos mais próximos.

Na oportunidade do jantar, que transcorreu de maneira muito alegre e afetiva, aconteceu um imprevisto: devido a um forte temporal que desabou durante o ágape fraternal, faltou energia elétrica e tudo ficou, como é óbvio, no escuro. Mas, o zelador do clube, conseguiu numerosas velas para que o grupo festeiro pudesse continuar com as homenagens ao anfitrião, festa que se prolongou até quase meia noite.

Foi durante este histórico encontro promovido pelo José Marques Vieira, que surgiu a idéia de que estas reuniões entre aposentados, para um "papo" diário e fraterno, devessem acontecer naquela citada praça. Ao grupo, foram se integrando outros aposentados, tornando-se cada vez mais numeroso. E então, com a lembrança do belo encontro proporcionado pelo Zequinha Vieira, resolveu-se que o bom era renovar aquele encontro com a presença de churrasco e chopp. O companheiro Benjamim Margarida, sensibilizado pela idéia, colocou a disposição do grupo de aposentados a sua chácara, que dispunha de toda a infraestrutura necessária ao sucesso dos encontros, estabelecendo-se que os mesmos seriam de dois em dois meses a partir do primeiro que logo se realizou.

O sucesso do primeiro encontro motivou a adesão de novos membros do que passou-se a chamar Clube VIVA-A-VIDA e lá se vão quase sete anos de proveitosas, alegres e fraternas reuniões.

O grupo de aposentados que cresceu muito desde os primeiros encontros, chegando hoje a ultrapassar o número de oitenta, tem se tornado cada vez mais unido. O sucesso de seus encontros não é motivado pela necessidade de cumprir

estatutos ou regimento interno. Nada disso. É o clube da espontaneidade. Ninguém é obrigado a participar porque os estatutos determinem. Participam os que querem confraternizar e rever velhos amigos e conhecidos. É de dois em dois meses que a maioria deles se reencontra num almoço fraterno regado a chopp e muito "papo". É, em suma, um dos "clubes" mais organizado e disciplinado de Blumenau. Sim, porque a cada almoço programado, o número de adeptos vai crescendo espontaneamente. Cada um comparece para viver mais um dia de sua vida em companhia de tantos outros amigos, numa confraternização sem paralelo na própria história de Blumenau. Por isso que o "Viva-a-Vida" está se tornando parte da história de Blumenau. E quem desejar integrar o clube sem estatutos ou regimento interno, é só passar, um dia desses, na Praça Dr. Blumenau, entre 9 e 11 horas da manhã e reunir-se com os que lá estão para informar-se do dia, hora e local do próximo almoço, pagando cerca de 10 (dez) reais ao Egon Probst para que ele possa atender as despesas com carne, chopp e outras mais afim de que nada falte aos aposentados que vão estar presentes.

Por falar em Egon Probst, é preciso dizer que ele é o estatuto, o regimento e o regente geral do sucesso desses encontros. O Egon é o símbolo vivo de organização, trabalho e amor por esta bela causa: reunir de dois em dois meses cerca de oitenta outros amigos aposentados para confraternizar. Ao Egon se deve muito deste fato histórico que surge. Ele é o próprio "pivot" do fato. Por isso, recebe, sempre as homenagens de reconhecimento de todos os aposentados que comparecem, através de uma palavra amiga, um aperto de mão ou um abraço franco e sincero. É, por assim dizer, o secretário executivo de um clube que não existe oficialmente, mas que é, na verdade, uma grata realidade.

Foi o caro amigo e dedicado exe-

cutivo Egon Probst, quem nos forneceu a relação dos nomes dos aposentados que hoje estão ligados ao grupo e que regularmente comparecem aos agradáveis encontros com saboroso almoço e muito chopp. Ei-los :

Albino da Costa (o popular Pevij), Alfredo Gonçalves da Luz, Alirio Campos Alcântara, Antonio Flávio Allende, Anfrid Volkmann, Ariano Buerger (o popular "Capilé"), Armin Distel, Arno Reinecke, Arnaldo Zimmermann, Aldo Zanini, Adauto G. Pereira, Arno Westarb, Alsino P. da Costa, Abilio de Oliveira, Benjamim Margarida, Bernardo Hering, Bruno Beduschi, Federico Carlos Allende Júnior, Disseré da Silva, Deirél da Silva, Edgar Arruda Salomé, Edio Limas, Egon Lauterjung, Egon Probst, Erico Pagel, Evilásio Vieira (o Lazinho, ex-prefeito), Egon Bernhardt, Eugênio Salsstenter, Erich Riedel, Felix Adam, Fernando Heusi, Franz Bracke, Guenther Werner Dorow, Getúlio Vieira Braga, Guido Krambeck, Gerold Sprengel, Genéio dos Santos, Hans Garbe, Heitor Gonçalves Clímaco, Henrique Reis Bergam, Helio Telles, Herbert F. Hüskes, Herbert Schlindwein, Herminio Barbeto, Herbert M. Hering, Heinz Sasse, Hans Kapp, Haroldo Hertel, Henrique Grützmael, Hélio Vieira, Ingo Jaeckle, Ivan M. Thomas, Jenner Reinert, João Azevedo Coutinho, Jorge Buechle, Jorge Gropp, José Guimarães, José Ziebarth, José Gonçalves, Júlio Grossenbacher, Jurandyr Guimarães, Júlio Zadrozny, João Caropreso, José Casas, João Procópio Souza, Lacinio Pereira, Lauro Henrique Mueller, Lotário Stueber, Lauro Sergutz, Lindomar José Ribeiro, Marcilio Pereira, Milton Vanzuita, Marcos M. Buechle, Michel Sabbach, Mário Guisi, Miguel Sanceverino, Milton Santos, Marcos Zutter, Mauro S. Mira, Mário Schrubbe,

Newton João Laux, Nicolau Eloy dos Santos, Niels Deeke, Nazareno Pickler, Nildo Teixeira de Melo (o popular Teixeira — ex-companheiro do Lazinho no ataque do Palmeiras, campeão do Centenário de Blumenau), Orlando Scharf, Oscar Rubens Krueger, Osmar da Silva, Orlando Olinger, Osvaldo da Silva, Osvaldo Schwabe, Osvaldo Dalsenter, Osvaldo Zimmermann, Paulo Wittich Hering, Paulo Meyerle, Pedro Medeiros, Paul Beimerche, Ralf Kaestner, Reulino Silva, Roberto Baier, Reinaldo Adolph, Reinaldo Pühler, Ralf Gauche, Sérgio Piaskowi, Siegfried Loes, Tercilio Bernardi, Vildo Schipmann, Werner Boehm, Willy Grassel, Wolfgang Kegel, Wilson Pessôa, Walmor Peixoto.

O Presidente de Honra, escolhido pelo grupo, é o médico Dr. Paulo Mayerle, que muito merece o título pelo seu entusiasmo em participar desses encontros. O Benjamim Margarida, a quem o grupo muito deve pelo apoio que tem proporcionado, é o Presidente de Honra, com muito merecimento também. A chácara que Benjamim Margarida coloca a disposição do grupo de aposentados para o ágape bi-mensal, é um dos recantos mais aprazíveis de Blumenau e faz jus à denominação de "o paraíso do Benjamim Margarida".

É claro que, ao longo dos anos que já se passaram, alguns bons e saudosos amigos já se foram para o oriente eterno. Vamos relacionar aqui os que já faleceram, deixando nossa homenagem de saudade em nome de todos os que ainda integram este "clubes sem dono", porque é de todos: José Marques Vieira, Wulf Scheidemantel, Arthur Jaerich, Harri Heise, Nilton Kiesel, José Coelho, Geraldo Hering, Braulio Cunha, Werner Garni e Frederico Bruns.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATILIO ZONTA

ELEVADO A MUNICÍPIO O DISTRITO DE ASCURRA

O Distrito de Ascurra é elevado à categoria de município autônomo, a 1º. de abril de 1963, desmembrado, assim, do território de Indaial.

Em 1º. de março de 1963, o Vereador Aldo Valdir Pintarelli, apresenta Projeto de Lei ao Legislativo Municipal de Indaial, segundo o qual, reivindica a emancipação política e administrativa de Ascurra, afim de atender aos anseios de apreciável parcela dos habitantes desse Distrito. José Sandri Sobrinho, Vereador pelo Distrito da sede e Presidente da Câmara, aprovou o Projeto após tê-lo submetido à aprovação dos componentes do legislativo. Pela Resolução 1/63, de 4 de março e sancionada posteriormente, pelo Prefeito Alfredo H. Hardt, é enviada e submetida à apreciação da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, e pela qual, em sessão de 1º. de abril, é aprovada. De acordo com o Inciso X, ar.º 22 da Constituição do Estado, pelo seu Presidente Deputado Ivo Silveira, é promulgada a Lei que cria o Município de Ascurra e que continua sob a jurisdição da Comarca de Indaial e cujas confrontações são os mesmos limites existentes do território distrital. A Lei entrou em vigor na data da sua publicação, em 1º. de abril de 1963. A solenidade de instalação da nova comuna aconteceu a 7 de abril de 1963, no Salão "Domingos Sávio" do Colégio "São Paulo", presidida pelo Meretíssimo Juiz de Direito Dr. Sálvio Cunha, da 15ª. Zona Eleitoral de Indaial, perante autoridades civis, militares e eclesiásticas e considerável afluência popular. O cidadão José Buzzi, descendente de pioneiros oriundos da Itália é nomeado Prefeito Provisório pelo Governador Celso Ramos, para governar o novo mu-

nicipio, até a posse do primeiro Prefeito eleito, cujas eleições ocorreram em 15 de novembro do mesmo ano. O Prefeito nomeado fez uso da palavra, ao encerrar as cerimônias de instalação dizendo aos presentes que se empenharia ao máximo, para administrar o novo município, contando sempre com a colaboração dos munícipes e do Governo do Estado. Agradeceu em especial, os componentes do Legislativo Municipal de Indaial e a todas as autoridades presentes. José Buzzi, sempre granjeou grande conceito de homem ativo e empreendedor. Deu início às atividades administrativas do novo município, encontrando, porém, desprovido de recursos financeiros e de inexpressiva arrecadação. Em consequência, pouco ou quase nada pôde realizar em obras durante os meses em que permaneceu no cargo. Em 28 de outubro de 1963, José Buzzi é Prefeito demissionário. Para substituí-lo, foi nomeado pelo Governador Celso Ramos, Arlindo Ferrari, conforme Ato publicado no Diário Oficial do Estado, de 26 do mesmo mês.

O novo Prefeito provisório após ter assumido o Governo Municipal, em face da ausência do Prefeito demissionário, ficou determinado que o Secretário Felice Sardagna, procurasse entendimento com José Buzzi afim de ser ultimada a documentação pendente, inclusive para ser apresentado um relatório das atividades administrativas do tempo em que permaneceu no cargo, balanço dos valores existentes e dos que foram, aplicados em trabalhos nos bairros.

Achamos nós, que o desmembramento do Distrito de Ascurra fôra um tanto prematuro; não estava preparado para ser desmembrado, pois, em 1962,

problemas surgiram em todo o município de Indaial, em consequência de fortes chuvas, durante semanas, ocasionando enormes prejuízos em todo o seu território, nos bens públicos e particulares. Os estragos foram vultosíssimos e

a rede de estradas ficou toda danificada, bem como, todas as pontes.

O Prefeito Alfredo H. Hardt, nada pôde oferecer à Ascurra, quando de sua emancipação, em razão desses acontecimentos desastrosos.

Curiosidades de uma Época - XLII

UMA VIAGEM DE CHICAGO À NOVA IORQUE

S.C. Wahle

1995

No exercício de minhas atividades na M. Dedini S.A. de Piracicaba, numa das viagens à América do Norte, fui parar na Universidade de Chicago, com o intuito de discutir assuntos de engenharia genética com um professor hindu, que então estava por lá lecionando esta especialidade. Voltando à Nova Iorque, no aeroporto de Chicago, fui encaminhado para uma sala de espera, para passageiros que se destinariam a essa cidade. Um avião DC-10 já estava atracado, quando recebemos o aviso que houve alteração com relação a sala de espera. Fomos reencaminhados a uma outra sala de espera próxima, que também já tinha um avião DC-10 atracado. A sala que havíamos deixado passou a ser a sala de espera do voo para San Francisco, Califórnia. As partidas eram quase simultâneas. O aeroporto de Chicago chamado O'Hare é o maior do mundo, pois passam por lá cerca de 30 milhões de passageiros por ano. Com um movimento desta ordem de grandeza estas mudanças ocorrem frequentemente e passam despercebidas. Naquela tarde, porém, com uma diferença de alguns minutos entre as duas partidas as coisas seriam diferentes. Acontece que os dois aviões foram quase simultaneamente para a cabeceira de suas pistas para decolagem. O avião para San Francisco partiria 2 minutos antes do nosso. As

decolagens são efetuadas em pistas paralelas. Quando o nosso avião decolou, via-se através da janela, a uma certa distância numa outra pista, grande volume de fumaça que encobria tudo numa grande área. Perguntada a tripulação, esta nunca sabe nada, para não criar alvoroço entre os passageiros.

Ao chegar em Nova Iorque perguntei, ao recepcionista do hotel, se haviam notícias a respeito de um acidente de avião em Chicago. Desconhecia qualquer coisa à respeito e recomendou que tão logo chegasse ao apartamento ligasse a televisão do hotel. Foi grande o meu susto, pois já estavam transmitindo, em som e imagem, o grande acidente aéreo de Chicago, do avião com destino a San Francisco e, que partira dois minutos antes do nosso com perda total, tanto da aeronave, como de todos os passageiros e tripulantes num total de cerca de 280 vidas. Imediatamente entrei em contato com minha família no Brasil, tranquilizando-a, pois ela estava sabendo que naquela tarde eu iria voltar de Chicago a Nova Iorque.

Ao dirigir-me para o jantar nesta noite, cai em mim e graças a uma mudança de sala de espera na última hora, por conveniência da programação do aeroporto, tive a oportunidade jantar despreocupadamente.

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

— DIA 09/05/1946 — O jornal traz em destaque a informação de que a famosa estrela de cinema, Ava Gardner, havia trabalhado numa empresa de tecelagem, na cidade de Blumenau, Santa Catarina e que depois mudou-se para o Rio de Janeiro, passando a trabalhar integrando o elenco artístico do Cassino de Copacabana, onde foi descoberta e contratada pela Fox Filmes, de Hollywood, tornando-se famosa pelos filmes em que integrou, popularizando-se no mundo inteiro. Seu nome legítimo era Eva Gardner.

— DIA 12/05/1946 — Jogando no Estádio da Alameda Rio Branco, o Palmeiras venceu a equipe do Concórdia, de Rio do Sul, pela contagem de 5 a 4. O Palmeiras jogou com : Oscar, Juca e Schramm; Bóia, Emílio (Tiurra) e Generoso; Nicácio, Teixeira, Meireles (Nercino) (Jair) e Saulzinho. Os gols do Palmeiras foram marcados por Saulzinho (3) e Nicácio. *** Nascia o primogênito Luiz Henrique Pfau, filho de Osmênio e Maria de Lourdes Pfau. Osmênio foi, durante muitos anos, gerente da filial Hermes Macedo em Blumenau e figura vastamente estimada nos círculos sociais em geral. *** O destaque na terceira página do jornal, neste dia, foi a notícia da nomeação da firma Arno Gaertner & Cia. Ltda. para atuar como agente, para Santa Catarina, dos afamados caminhões "Federal" e automóveis "Nash", de fabricação norte-americana.

— DIA 14/05/1946 — Às 17 horas foi inaugurada a loja de ouriversaria de propriedade do Sr. Félix Willerding, localizada a rua 15, 800. Willerding era muito conceituado nos meios sociais e comerciais de Blumenau.

— DIA 19/05/1946 — A equipe do Palmeiras E.C. venceu a equipe do Afonso Pena F.C., de Joinville, por 7 a 2. O Palmeiras jogou com : Oscar, Juca e Schramm; Doquinha (Zico), Emílio e Bóia; Nicácio, Teixeira, Augusto, Jair e Saulzinho. O Afonso Pena formou com : Schmidt (Nelson), Janjão e Nano; Totinha (Costinha I), Egon e Nilo; Costinha II, Edio, Tônico, Cilo e Zezinho (Arcy).

— DIA 20/05/1946 — A Casa Buerger, de Arno Buerger, abriu sua nova loja na rua 15 de Novembro. *** Chegou a Blumenau, importada pela Casa do Americano, concessionários, a geladeira "Frigidaire", de origem norte-americana. *** Neste dia foi fundada a Associação Rural de Blumenau.

— DIA 21/05/1946 — Foi aberta, para o público consumidor, a nova Casa Carlos Koffke, em estilo moderno, tipo supermercado, fato que agradou sobremaneira os consumidores. *** A Casa Peiter inaugurou sua filial na rua 15 de Novembro, sob a direção de dona Irene Peiter.

— DIA 29/05/1946 — "A Nação" destaca, em sua primeira página, a passagem do terceiro ano do início de circulação do jornal (29/05/1943).

— DIA 29/05/1946 — Na página social, o jornal destaca os aniversários natalícios de dois cidadãos muito conceituados : em Pomerode, o empresário Hermann Weege, titular da empresa que tem seu nome. Em Gaspar, o farmacêutico Anfilóquio Nunes Pires, também jornalista de respeitável conceito.

A LITERATURA EM LÍNGUA ALEMÃ DE AUTORES JOINVILLENSES E BLUMENAUENSES

VALBURGA HUBER

(Prof^a. de Língua e Literatura Alemã Faculdade de Letras — UFRJ)

RESUMO

Blumenau e Joinville, as duas cidades de origem alemã mais importantes de Santa Catarina, tiveram uma literatura própria, em língua alemã. Ela floresceu na virada do século XIX até a 2^a. Guerra Mundial, e continuou, mais branda, depois desta. Em Joinville, destacaram-se entre outros os escritores — poetas e prosadores: **Ernst Niemeyer, Wolfgang Ammon e Elly Herkenhoff**. Da obra literária destes autores é aqui apresentada uma visão geral.

Santa Catarina tem, entre outras, duas cidades importantes de origem alemã: Blumenau (Vale do Itajaí) e Joinville (Vale do Cachoeira).

Em Blumenau destacam-se poetas como Victor Schleiff, Georg Knoll, Rudolf Damm e romancistas como Gertrud Gross-Hering, Therese Stutzer, Emma Deeke e José Deeke. Os títulos das criações literárias desses autores são bastante sugestivos. Romances: "Durch Irrtum zur Wahrheit" (Do erro a verdade), "Aus Kindern werden Leute" (Crianças tornam-se adultos), "Der Weg der Frau Agnes" (O caminho da Sra. Agnes Bach), "Liebe und Pflicht" (Amor e Dever). Este último ilustra maravilhosamente a problemática do dualismo onde o amor une o imigrante à terra natal e o dever o une à nova terra. O mesmo acontece com as poesias, das quais destacamos alguns títulos: "Heimweh" (Saudade), "Alte und neue Heimat" (Velha e nova pátria), "Die ersten Einwanderer" (Os primeiros imigrantes), "Erinnerung" (Lembrança), "Die Pioniere" (Os pioneiros), "Mein Vaterhaus" (Casa Paterna). Toda a produção literária da região de Blumenau é estudada no livro "**Saudade e Esperança**

— O Dualismo do Imigrante Alemão refletido em sua literatura" — 1^a. fase de minha pesquisa.

Primeiramente denominada "Colônia Dona Francisca" e, mais tarde, Joinville, esta cidade catarinense de colonização alemã, mas com nome francês, tem uma história bastante sui generis. Seu nome vem do Príncipe de Joinville, filho do rei francês Luiz Felipe, que se casou em 1843 com a princesa Dona Francisca (filha de D. Pedro I e de Dona Leopoldina) que recebeu como dote de casamento, as terras onde viria a se fundar a colônia alemã. (1851)

Os escritores de maior relevância da região de Joinville são: **Ernst Niemeyer, Wolfgang Ammon, Elly Herkenhoff**. A temática da obra desses escritores está também ligada à imigração mas já apresentam maior abertura para temas de sua época, tanto no Brasil como no mundo. Percebe-se influências literárias mais modernas em escritores como Wolfgang Ammon e Elly Herkenhoff, que tem poesias de questionamentos existenciais e sobre questões do mundo atual.

Os títulos das poesias e criações literárias em prosa destes autores — reunidos nesta pesquisa — revelam sua visão de mundo e interesses. As poesias e narrativas aqui reunidas não são a obra completa destes escritores mas parte considerável dela.

(Pequena Ilustração)

Licht und Schatten
Das Leben gab dir soviel Licht
Und kam ein dunkles Jahr.
Da dachtest du der Sonne nicht
Die immer mit dir war.
Kommt nun einmal die Dunkelheit

So darfst du nicht vergessen.
Wie du so manche frohe Zeit
Im hellen Licht gesessen.

Wolfgang Ammon

(Luz e sombra
A vida te deu tanta luz
Sobreveio um ano sombrio
E não pensaste no sol
Que sempre te acompanhara
Se vier, pois, a escuridão
Não deves esquecer
Quantos momentos felizes
Fruíste no brilho desta luz)

Denke stets, du lebst auf Erden
Um ein wahrer Mensch zu werden,
Wie dich Gott-Natur gewollt,
Nach Vollkommenheit zu streben,
Deinen Dasein Sinn zu geben,
Dieses echte Lebensgold

Ernst Niemeyer

(Pense sempre que estás na terra
Para seres um ser humano verdadeiro,
Como te desejou Deus e a natureza,
Para buscares a completude
Dares sentido ao teu existir,
Esta dádiva inigualável)

Nicht darin liegt der Wert des Lebens,
Ein grosses Glück noch zu erringen,
Nein, darin: Jedem Alltag Sonne
Und etwas Freude abzuzwingen

Elly Herkenhoff

(Não reside o valor da vida
Em alcançar a grande felicidade
Mas, sim, no sol que brilha todo dia
E conquistar sua parcela de alegria)

ELLY HERKENHOFF

Sobre os temas mais variados escreveu esta poetisa e prosadora joinvillense. Nascida na cidade de Joinville em 1906 ela viveu por muitos anos no Rio de Janeiro (época da 2ª. Guerra Mundial) e em São Paulo. Fixou-se nesta última cidade em 1955 e foi aí professora de línguas estrangeiras, tendo também escrito toda a sua vida, em alemão, um grande número de poemas e narrativas (con-

tos) em jornais, periódicos e anuários de estados do Sul. Abordou também em artigos e ensaios — e ultimamente em livros de história como "Era uma Vez um Caminho"... -- a história da sua cidade e região, bem como questões culturais da língua portuguesa e alemã. Vive já há muitos anos novamente na sua cidade natal como pesquisadora do Arquivo Histórico de Joinville, sendo, uma pessoa muito renomada e benquistada, uma espécie de "monumento vivo" daquela comunidade. Tendo tido o prazer de conhecê-la e conversar com ela pessoalmente, dou o testemunho de que sua obra completa ainda merece um estudo abrangente e na altura de sua importância.

POESIAS:

"**Allerseelen**" (Dias dos mortos); "**Es war einmal...**" (Era uma vez...); "**Kinderwunsch**" (Desejo infantil); "**Der Blinde**" (O cego); "**Totensonntag**" (Domingo dos mortos); "**Heldentum**" (Heroísmo); "**Sylvester**" (São Silvestre); "**Das Lied**" (A canção); "**Menschengrösse**" (Grandeza humana); "**Weisst Du auch...**" (Você sabe por acaso?...); "**Der Traum**" (O sonho); "**Vielleicht ist dies das Glück**" (Talvez isso seja felicidade...); "**Fahrt durch den Maimorgen**" (Passeio numa manhã de maio); "**Glück**" (Felicidade); "**Heimkehr**" (Retorno à terra natal); "**Den Urwaldpionieren**" (Os pioneiros da mata virgem); "**Gruss an die Heimat**" (Saudação a Pátria); "**Der Auswanderer**" (O emigrante); "**Eisamkeit**" (Solidão) - 1959; "**Es fliehen die Sekunden**" (Passam os segundos); "**Bedenke Mensch**" (Reflita irmão); "**Die Friedfertigen**" (Os pacifistas); "**Quo Vadis?**", "**Meiner Heimat Glocken**" (Os sinos da minha terra); "**Tagtäglich gibt es Wunder**" (Há um milagre todo dia); "**Wachsen und Werden**" (Crescer e ser).

NARRATIVAS E CONTOS

"**Die spiritistische Sitzung**" (A sessão

espírita); **"Aus fernen Tagen"** (De dias distantes); **"Zerstörtes Familienglück"** (Felicidade familiar destruída); **"Erinnerung"** (Lembrança); **"Die Überraschung"** (A surpresa); **"Vor dreissig Jahren"** (Há trinta anos); **"Liebesbrief an Cassiano"** (Carta de amor a Cassiano).

ERNST NIEMEYER

Nascido em Joinville em 1863 e falecido em Curitiba em 1950. Foi dos primeiros filhos de imigrantes alemães a escrever. Foi filho do Diretor da "Colônia D. Francisca" (mais tarde Joinville) o engenheiro Louis Niemeyer. Marcam sua vida também trabalhos em redações de jornais como o "Gazetta de Joinville" e o "Kolonie Zeitung." Foi também funcionário chefe de telégrafos em diversas cidades brasileiras, tendo viajado, (por motivos familiares) a Alemanha em 1913 onde acabou vivendo durante toda a 1ª. Guerra Mundial. Homem de vasta cultura, grandes conhecimentos lingüísticos (dominava várias línguas) e históricos, cultivou também a poesia, as narrativas e os dramas, além de livros de história e reflexões sobre a literatura. No caso da literatura teuto-brasileira, o seu dualismo e aspirações a ter status de literatura autônoma foram temas de ensaios importantes de E. Niemeyer.

Incurções no campo desta literatura em língua alemã em solo brasileiro são praticamente impensáveis sem as reflexões deste escritor sobre a questão da identidade desta literatura.

POESIAS

"Die Schwester" — (A Irmã) — 1920 — **"Der Held der Arbeit"** — (O Herói do Trabalho) — 1918 — **"Der Junge Dichter"** — (o Jovem Poeta) — 1921 — **"Das Indianergrab"** — (A Sepultura do Índio) — 1926 — **"Sprüche"** — (Ditos) — 1927 — **"Der Flaggenberg"** — (O Morro da Bandeira) — 1928 — **"Morgenlied"** — (Canção matinal) — 1935 — **"Seelenfriede"** — (Paz Interior) — 1936 — **"Spruch des Edelmenschen"** — (Dito do homem nobre) — 1937 — **"Der**

Wanderer" — (O Andarilho) — 1938 — **"Des Siedlers Lied"** — (A Canção do Emigrante) — 1938 — **"Tage und Jahre"** — (Dias e Anos) — 1938 — **"Heil unserer Jugend"** — (Saudação a nossa Juventude) — 1938 — **"Kahnfahrt"** (Viagem de Canoa) — 1938 — **"Herzengüte"** (Bondade do Coração) — 1939 — **"Fahrt in der Pampa"** — (Viagem nos Pampas) — 1939 — **"Zweikampf der Könige"** — (Duplo Combate dos Reis) — 1940 — **"Schranken des Strebens"** — (Limites da Ambição) — 1940 — **"Die Palmite"** — (O Palmito) — 1941 — **"Farbenspiel"** — (O Jogo das Cores) — **"Loblied auf Brasilien"** — (Canção de Louvor ao Brasil) — 1941 — **"Den Deutschen in der Fremde"** — (Aos Alemães em Terra Estranha) — 1938 — **"Altar in Walde"** — (Altar na floresta) — **"Die Ruhstaat"** — (Descanso Final) — **"Die Meisterin"** — (A Mestra) — **"Zufriedenheit"** — (Satisfação) — **"Ein Urquell nur"** — (A Fonte Originária) — **"Wiedersehen"** — (Reencontro) — **"Ahme Nicht Nach"** — (Não Imita) — **"Huldigung an Deutschland"** — (Homenagem à Alemanha) — **"Die Deutsche Sprache"** — **"An Wasserfall"** — (A beira da Cachoeira) — **"Heil Brasilien"** — (Saudação ao Brasil) — **"Teutonen Literatur"** (Reflexão sobre a autonomia da literatura teuto-brasileira) — **"Teuton — Eines Braileaners Lied"** (Teuto — O Canto de um brasileiro) — poema épico.

CONTOS E NOVELAS

"Odalisa" — **"Lied und Glück in der Heide"** (Amor e Felicidade na Campina) — **"Leandro"** — **"Er kannte noch kein Bier"** (Ele Ainda não Conhecia Cerveja) — **"Das Bugerschloss"** — (O Castelo dos Bugres) — **"Das Weib"** — (A Mulher) — **"Almódia"**.

WOLFGANG AMMON

Nascido em Neustadt (1869) — Oberwalde (Alemanha) e falecido em São Bento do Sul (SC) em 1938. Viveu também em Papanduva, Joinville e Campo Alegre. Destacou-se por atividades

sociais e literárias. É autor também de numerosos artigos sobre temas diversos e também espécies de alerta contra as utopias do imigrante alemão, para que tivesse consciência e conhecimento da terra para a qual emigrava.

POESIAS :

“Sorgen” — (Preocupação); **“Die letzte Tür”** (A Última Porta); **“Zuflucht”** — (Refúgio); **“Gleichmut”** (Serenidade); **“Zwei Gedichte”** — (Duas Poesias); **“Andacht”** — (Oração) — 1934; **“Lebensgenuss”** — (Usufruir a Vida); **“Segen”** — (Benção) — **“Das Lied aus der Ferne”** — (Canção de Longe); **“Der See”** — (O Lago); **“Das ewige Lied”** — (A Canção Eterna); **“Wie viel dir blieb”** — (O que te Restou); **“Im Menschendrange”** — (Na Multidão); **“Freude an der Gegenwart”** — (Alegria no Presente); **“Frühlingszauber”** — (A Magia da Primavera); **“Du”** — (Você); **“Erkenntnis”** — (Reconhecimento); **“Licht und Schatten”** — (Luz e Trevas); **“In Mondenschein”** — (Ao Luar); **“Wirf Ab”** — (Liberte-se); **“Das Schicksal”** — (O Destino); **“Hymne des Deutschbrasilianers”** — (Hino do Teuto-Brasileiro); **“Wünschen und Wollen”** — (Desejar e Querer); **“Hochlandstimmung”** — (Animo de Planalto); **“Hat das Leben einen Sinn... ?”** — (A Vida tem Sentido... ?); **“Die richtige Brille”** — (O Óculos Correto); **“Ewige Frage”** — (Eterna Pergunta); **“Sabiá und Bem-Te-Vi”** — (Sabiá e Bem-Te-Vi); **“Das Leben”** — (A Vida); **“Abend an der Meeresbucht”** — (Anoitecer à beira do mar); **“Sei Zufrieden”** — (Fique satisfeito); **“Geniesse das Leben”** — (Goze a vida); **“Der Bruder Tod”** — (A irmã Morte).

CONTOS E NARRATIVAS

“Furchtlos ?” — (Sem Temor); **“Der Neue Caixeiro”** — (O Novo Caixeiro); **“Der Wendepunkt”** — (Momento Decisivo); **“Ein Gramm Glück”** — (Uma Grama de Felicidade); **“Der Sonderling auf**

der Flucht” — (A Fuga do Extravagante); **“Abschied von der Jugend”** — (Despedida da Juventude); **“Der Wille zum Lebens Glück”** — (O Desejo de Felicidade); **“Hinterwäldlers erste Luftfahrt”** — (A Primeira Viagem Aérea de um Interiorano); **“Geisterspuk in der Wildnis”** — (Fantasma na Selva); **“Ein Vagabund Kommt in Versuchung”** (Um Vagabundo cai em Tentação); **“Fremdes Blut”** — (Sangue Estranho); **“Eine gefährliche Stellung”** — (Uma Posição Difícil); **“Ein Schreibfräulein fliegt über die Wildnis nach Goyas”** — (Uma Datilógrafa Sobrevoa a Selva para Goiás); **“Gott Sei Dank, es könnte Schlimmer sein Können”** — (Graças a Deus, podia ter Sido Pior); **“À La Garçonne”**.

ROMANCES :

“Hansel Glückspils” (Joãozinho Felizardo); **“Die Leiter zum Glück”** (A escada para a felicidade); **“Die ersten Jahre als Kolonist”** (Os 1ºs anos como colono); **“Familie Rottorf im Urwalde”** (A família R, na mata virgem).

Os três autores escreveram grande número de ensaios, novelas, narrativas, contos e poesias sobre temas os mais variados onde se percebe já uma maior ligação com centros urbanos maiores (Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro). De um modo geral esta produção literária, sendo de cunho romântico, destaca sobretudo o valor da natureza, do popular, das tradições, das lendas brasileira e alemãs, da busca da identidade própria como literatura dualista baseada na diferenciação lingüística e no “sentimento íntimo” (de que fala Machado de Assis) que, nesta literatura é dividido. A imigração, aventura a ser narrada e legada aos descendentes, dá pois, substancialidade a esta literatura “sui generis” e marca também o seu estilo no qual um alemão singelo e popular vai se tingindo com as cores da paisagem brasileira, usando palavras portuguesas e indígenas por exemplo, na descrição da nossa exuberante paisagem.

Depois da reunião de poesias, narrativas e contos desses autores, vamos percebendo sua temática e linguagem características. Pretende-se, aqui, mostrar de forma sintética, através de criações selecionadas no universo da obra completa de cada um desses escritores, a informática deles no contexto literário catarinense e brasileiro.

Estariamos diante de uma literatura menor, sentimentalista, que não se verticalizou? Parece-nos mais que aqui se

transcende o regional, chegando-se à dimensão universal do ser humano como ser migrante. Parece estar no seu dualismo a sua riqueza, pois o imigrante torna-se aqui protótipo do ser humano — nômade e migrante na sua essência — e a imigração uma metáfora da vida humana, como utopia essencial, viagem em busca da completude. É o regional que traz no seu cerne o universal, os problemas básicos e eternos do ser humano.

Peregrino Servita de São Tiago

(Antônio Roberto Nascimento, da ASBRAP - Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia)

Peregrino Servita de Sant'Iago, como também foi grafado, era natural da Cidade de Porto Alegre, Capital da Província do Rio Grande do Sul, onde também foi batizado, tendo chegado a São Francisco do Sul por volta de 1875, quando é dado como Inspetor da Alfândega (1) proveniente da Vila de N. S^a. do Desterro da Ilha de Santa Catarina, após ter morado na Laguna, onde casou, em primeiras núpcias, com D. Maria Josefa Augusta da Soledade, "natural da Cidade Juliana que viu nascer Anita Garibaldi" (2). Em segundo leito, já Capitão da Guarda Nacional, aos 30.9.1879 (3), casou, em S. Francisco do Sul, com Rita Clara da Conceição, batizada aos 3.3.1850, tendo por padrinhos (4) Serafim Pereira da Fonseca, luso, morador no Ubatuba, e sua mulher Josefa Maria da Silva, viúva do Alferes João Guilherme de Carvalho e filha do Alferes José Francisco da Silva. A referida Rita era filha legítima de José Gomes Rittes, francis-

quense, primeiro marido da mãe dela — depois casado com Rita Maria do Nascimento, filha de João Antônio Soares Sênior, já finado, e de Maria Genoveva de Jesus — e de Antônia Clara Dias Bello; neta paterna de Antônio Dias Bello (Cristóvão Dias Bello, o pai dele) e de Maria das Neves de Sousa — esta filha do vereador João de Oliveira Falcão, francisquense embora, mas ligado à gente de mesmo apelido de Sorocaba-SP (q.v. SILVA LEME) —; e materna do luso Joaquim Gomes Rittes (irmão germano de Manoel Gomes Rittes, casado na família "Machado Lima" de Mogi das Cruzes), natural da freguesia de Vila Nova de Gaia, em Portugal, e de Ana Afonso, "mulher solteira" (5), com quem teve a filha Ana, batizada aos 10.12.1893 (6), tendo por padrinhos José Emídio Nóbrega, como procurador de José Higino de Sant'Iago, residente no Rio de Janeiro, e Júlia da Costa Pereira, a desditosa poetisa que o Paraná pre-

1 — Livro de Registro de Escravos de S. Francisco do Sul.

2 — Cf. ARNALDO S. THIAGO, **História da Literatura Catarinense**, Rio de Janeiro, 1957, pp. 76 e ss. Ed. do Gov. do Est. de SC.

3 — Livro nº. 9 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça.

4 — Arquivo judiciário de São Francisco do Sul.

5 — Diversos registros eclesiásticos de São Francisco do Sul, Matriz cit.

6 — Livro nº. 19 de batismos da Matriz cit.

7 — Arquivo judiciário cit.

tende ser dele. Em 1884, Peregrino e Rita, sua segunda mulher, já moravam na Cidade do Desterro, Capital da Província de Santa Catarina (7).

De seu primeiro casal, o Cap. Peregrino Servita de S. Thiago teve a filha Maria Peregrina de Sant'Iago, nascida e batizada na freguesia de N. S^a. do Desterro, casada em S. Francisco do Sul, aos 08.10.1874 (7), com Francisco Luiz de Lima Cardoso, nascido e batizado na freguesia de N. S^a. da Glória do Município da Corte, filho natural de Francisca Rita de Assis, tendo por testemunhas o Barão de Laguna e Plácido de Sá Bittencourt Câmara, moradores na Corte do Rio de Janeiro, representados pelo Cel. Francisco da Costa Pereira, o luso que casou com a riquíssima viúva do último Capitão-Mor Antônio de Carvalho Bueno (9), e Gustavo Luiz Lebon (10), do Partido Liberal, ou "Judeu."

Do primeiro casamento, Peregrino Servita de S. Thiago teve, por demais, o filho Polidoro Olavo de S. Thiago (11), natural do Desterro e morto na Laguna (1852-1916), bem como Joaquim Antônio de S. Thiago, nascido na Cidade do Desterro, no ano de 1857, e morto em São Francisco do Sul, no ano de 1916 (12), casado lá, com D. Clara de Almeida de S. Thiago, natural da Vila de Paraíba do Sul da Província do Rio de Janeiro (13), filha de Vicente Porfírio de Almeida, Delegado de Polícia, à volta de 1869, ao tempo em que escrivão era Francisco Xavier Caldeira — morto no grande surto de febre amarela, em 1878, deixando inúmeros

filhos órfãos, quando já era Promotor Público —, Juiz de Paz 1^o. suplente (14) e de sua mulher D. Luiza Francisca de Campos, também naturais do Rio de Janeiro (15), segundo o batizado da filha Ana, neta do Capitão Peregrino Servita de Sant'Iago, aos 10.12.1893 (16), tendo por padrinhos: José Emíldio Nóbrega, como procurador de José Higino de Sant'Iago (?), residente no Rio de Janeiro, e Júlia da Costa Pereira, a poetisa cujos pais nasceram em São Francisco do Sul. Joaquim Antônio de Sant'Iago, cujos bens foram inventariados, em 1920, por sua mulher supérstite, foi deputado à Assembléia Constituinte Estadual, de 1891 a 1893, professor público e patrono da Academia Catarinense de Letras e teve, igualmente, com D. Clara de Almeida de Sant'Iago, o filho Marcílio, batizado aos 25.6.1892, sendo padrinhos o Dr. Polidoro Olavo de Sant'Iago, tipo paterno, e D. Emília Almeida Costa Pereira, por procuração de D. Cecília de Almeida Paranhos, residente em Portugal. Dito Polydoro Olavo de S. Thiago, natural da Cidade do Desterro, onde nasceu aos 29.6.1850 (17), foi casado com D. Francelina Dias da Cruz, natural do Rio de Janeiro, com quem não teve descendentes, mas adotou, após viúvo, Ester, como filha. Também foi deputado à Assembléia Constituinte Estadual, de 1891 a 1893, tendo sido aliado de Floriano Peixoto, pertencente embora ao então extinto Partido Conservador, ou "Cristão". Teria sido, a exemplo de Hercílio Luz, um dos carrascos da família catarinense?

8 — Livro n^o. 8 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça.

9 — Cf. A.R. NASCIMENTO, **O Último Capitão-Mor de São Francisco do Sul**, na rev. "Blumenau em Cadernos", t. XXVII, nov. e dez. de 1986, nn. 11 e 12, pp. 34 e ss.

10 — Cf. A.R. NASCIMENTO, **Gustavo Luiz Lebon**, na rev. *Ágora*, n. 18, dez. de 1993, ano VIII.

11 — Cf. W. F. PIAZZA, **Dicionário Político Catarinense**, Florianópolis, 1985, Ed. da A.L., p. 557, verbete de sua autoria.

12 — Ob. cit., p. 556, verbete de IAPONAN SOARES.

13 — Livro n^o. 19 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça, n^o. 206, fl. 146 verso.

14 — Arquivo judiciário da Comarca de São Francisco do Sul.

15 — Id. ib.

16 — Livro n^o. 19 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça cit.

17 — Cf. ARNALDO S. THIAGO, *História da Literatura cit.*, p. 77.

Arnaldo Claro de S. Thiago, beletриста que concorreu a uma vaga da Academia Brasileira de Letras, filho de Joaquim Antônio de Sant'ago, foi irmão germano de Álvaro de S. Thiago, ambos funcionários de repartição pública federal (18).

Arnaldo Claro S. Thiago, nascido em 1º.7.1886, na mais velha póvoa de Santa Catarina, S. Francisco do Sul, a "inicialidade fundante" do catarinensismo — Herculio Luz e o Consº. Mafra descendiam de Manoel Lourenço de Andrade, o fundador! —, foi casado com D. Maria Eugênia de Oliveira S. Thiago (19), filha do Tenente-Coronel José Antônio de Oliveira Jr. (não usava o agnome, o que provoca confusões), ou José Antônio de Oliveira Cercal Filho, como queria chamar-se, em boa razão, e de sua segunda mulher D. Emília Julieta Nóbrega — casamento aos 22.6.1861, quando ele já era viúvo (20), de Amélia, ou Amália Correia de Freitas (21); neta paterna de José Antônio de Oliveira Cercal, o velho, comerciante no Rio do Parati, e de D. Cesarina Maria de Jesus, esta filha do Alferes Manoel Fernandes Dias e de Maria Antônia Moreira; e materna do Cap. Antônio Francisco Nóbrega, natural de Santos, e de D. Teresa Maria de Jesus, franciscuense (os pais do Pe. Nóbrega), esta filha do Cap.-Mor Antônio de Carvalho Bueno e de sua primeira mulher D. Bárbara Jacinta Leite de Moraes. Dito Cel. José Antônio de Oliveira, o moço, foi o chefe franciscuense do Partido Liberal, ou "Judeu",

assim como seu genro: o Dr. Abdon Batista (22). Era major em 1869 (23) e, quando foi da Revolução Federalista, tornou-se o Capitão-Ajudante do Comando Superior da Guarda Nacional do 2º. e 3º. Batalhão de Infantaria, cuja 3ª. Companhia foi comandada por nosso avô paterno, o Capitão Antônio Fernandes do Nascimento, primeiro desse patronímico, filho de Francisco Alberto Bueno Fernandes e de Ana Purityza de Oliveira Cercal (24), esta filha de D. Maria Úrsula de Oliveira Cercal (1796-1882), moradora na Gamboa, onde tinha seu sítio de residência, e do luso Manoel Pinto de Barros, natural do Porto, já viúvo de sua primeira mulher; neta paterna de Antônio de Oliveira Cercal Tetranelo, com sesmaria "no lugar intitulado Morro da Cachoeira, no dito lugar Cabeceiras do Rio Saguacu" (25), vereador em 1828 (26), e de sua mulher Ana Maria de Miranda, filha do Capitão Amaro de Miranda Coutinho, o moço, e de D. Margarida Tavares Camargo de Siqueira, naturais de Paranaçuá.

Joaquim Antônio de S. Thiago e D. Clara Almeida de S. Thiago tiveram sete filhos, sendo quatro homens e três mulheres (27). O referido Marcílio foi de Acácio Garibaldi (sic) de Paula Ferreira de S. Thiago, nascido em Tubarão, em 1º. de janeiro de 1921, por cujo nome se vê, por sem dúvida, ser o pai adepto da Revolução Farroupilha, não apoiada pela gente de São Francisco do Sul, fato que estamos a estudar. Polydoro Ernani de S.

18 — Cf. JOSÉ DE MOURA BEZERRA, *São Francisco do Sul, Ontem e Hoje*, Curitiba, 1975, Imp. A.M. CAVALCANTI, p. 21.

19 — Cf. IAPONAN SOARES, *Dicionário Político* cit., p. 556.

20 — Livro nº. 7 de casamentos da Matriz de N. Sª. da Graça do Rio de S. Francisco do Sul.

21 — Cf. A. R. NASCIMENTO, *O Republicano Manoel Correia de Freitas*, na rev. "Blumenau em Cadernos", t. XXXIII, set. de 1992, n. 9, p. 319.

22 — Cf. ARNALDO S. THIAGO, *Admiradores da Família Imperial*, na rev. "Blumenau em Cadernos", t. V, n. 12, dez. de 1962, p. 163.

23 — Arquivo judiciário da Comarca de S. Francisco do Sul.

24 — Cf. CARLOS DA COSTA PEREIRA, *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*, Florianópolis, 1976, Ed. da F.C.C., p. 135.

25 — Arquivo Histórico de Joinville, maço de sesmarias.

26 — Arquivo da Câmara Municipal de S. Francisco do Sul, livro de vereanças desse ano.

27 — Cf. ARNALDO S. THIAGO, *História da Literatura* cit., p. 47.

Thiago, médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi o primeiro de doze irmãos, todos sobrinhos do Dr. Marcílio Dias de S. Thiago. O Dr. Lauro de Oliveira São Thiago, médico, nascido aos 22.8.1915 — meu Pai aos 23.6.195! —, parece ser filho de Arnaldo Claro de S. Thiago. Já Sílvio Lobo de São Thiago, nascido na então Vila do Parati (28), aos 31.7.1911, engenheiro civil, autor de "Hiperestática Analítica", era filho de Vicente Olavo de S. Thiago e de D. Castorina Lobo de S. Thiago, poetisa. Álvaro de S. Thiago foi pai de Osvaldo, dileto amigo de meu genitor, e de Alvinho, (hipocorístico) S. Thiago, altos funcionários do Banco do Brasil S.A., o primeiro, Osvaldo, casado duas vezes (29), fundador da televisão em Joinville, vendida, ao depois, ao grupo da RBS (gaúcho, dos Sirotks, e pai da historiadora e professora da Univille Raquel S. Thiago, autora de inúmeros estudos, dentre os quais o livro "Colonelismo Urbano em Joinville, o Caso de Abdon Baptista" (30). Álvaro de S. Thiago Sênior adotou um menino lá do Sai, que, não abstante receber o mesmo tratamento dos filhos legítimos (31), tornou-se dipsomaniaco e morreu em Curitiba (32).

O Cap. Peregrino Servita de S. Thiago era senhor da escrava Carlota, matriculada sob o nº. 1566, de cor preta, com 37 anos, à roda de 1880, solteira, cozi-

nheira e da lavoura, com aptidão para todo serviço, sem família e de regular (sic) moralidade (33).

Houve, outrossim, uma D. Rosa Servita de S. Thiago, talvez irmã germana de Peregrino Servita de S. Thiago, que foi casada com Sílvio Pélico de Freitas Noronha (Desterro-SC-1842-1893), filho de Antônio de Freitas Noronha (34) e de D. Constância Cândida Noronha, pertencente ao Partido Liberal, ou "Judeu", de Jerônimo Francisco Coelho, da Laguna, contrário ao Cel. Camacho Jr., de S. Francisco do Sul, onde era o cabeça do Partido Conservador ou "Cristão".

A mulher de Joaquim Antônio de S. Thiago, D. Clara Almeida de S. Thiago, era irmã germana de D. Emília Porfíria de Almeida, "nascida e batizada na paróquia de São Pedro e São Paulo da Vila de Parahyba do Sul" (35), casada, aos 10.1.1880, quando seu genitor Vicente Porfírio de Almeida já era finado, com Salustiano da Costa Pereira, batizado aos 10.1.1859 (36), tendo por padrinhos Manoel Portella, do Rio de Janeiro, solteiro, e D. Joaquina Escolástica de Moraes, por procuração de José Antônio Caldeira, filho do luso Bento da Costa Pereira, morto antes de 1890, e de D. Ana Maria de Jesus, irmã inteira do Pe. Manoel Júlio de Carvalho Bueno (interditado, mais tarde, e que parece ter sumido!), ambos filhos do Capitão-Mor Antônio de Carvalho

28 — O topônimo "Parati" catarinense é mais antigo do que o do Rio de Janeiro (N. do A.).

29 — Cf. IZA VIEIRA DA ROSA GRISARD, **Carta Genealógica de Famílias Tradicionais de Santa Catarina, 1419-1986**, Ed. da FCC, Florianópolis, 1988, p. 120.

30 — Projeto da Memória Pública de Santa Catarina, publicação nº. 1, Florianópolis, 1988, Ed. do Gov. de SC.

31 — Informações de meu genitor, último filho vivo do Cap. Antônio Fernandes do Nascimento, das forças francisquenses que tomaram Paranaguá, não sem combate (N. do A.).

32 — Foi nosso colega de ginásio no Colégio "Bom Jesus", o antigo, e, mais tarde, quando cursávamos a centenária Universidade Mackenzie, em São Paulo, era comum encontrá-lo na aguarda dos ônibus chegados de Joinville, em Curitiba, para pedir um auxílio. Pobre alma! (N. do A.).

33 — Livro de Registros de Escravos para o Fundo de Manumissão.

34 — Cf. WALTER F. PIAZZA, **Dicionário Político** cit., p. 366.

35 — Livro nº. 9 de casamentos da Matriz de N. S^a. da Graça do Rio de S. Francisco do Sul.

36 — Livro nº. 13 de batismos da Matriz cit.

Bueno e de sua segunda mulher, que, viúva dele, passou a segundo leito com o Comendador Francisco da Costa Pereira, irmão germano do sobredito Bento. Salustiano e D. Emília tiveram, dentre outros, o filho José Luiz da Costa Pereira, batizado aos 10.1.1886 (37), tendo por padrinhos o Dr. Luiz Antônio Gualberto e D. Joaquina de Almeida Paranhos, residente na Cidade do Porto e representada por Clara de Almeida Sant'ago, casado, por seu turno, com D. Luiz Buschmann, bem como a filha Ana, batizada aos 18.2.1883 (38), nascida aos 28.8.1882, tendo por padrinhos o Cel. Francisco da Costa Pereira e a avó materna, D. Francisco Campos de Almeida. Salustiano da Costa Pereira foi um dos organizadores do Partido Republicano. Um Mário da Costa Pereira, descendente do português Bento da Costa Pereira (o Comendador

não deixou descendência conhecida), foi casado com D. Maria Magdalena S. Thiago, com quem teve o filho Ari da Costa Pereira (39), poeta, nascido em São Francisco do Sul, aos 19.3.1925 (40).

Aos 21.7.1895 (41), o Centro Espírita "Caridade de Jesus" há de complementar seu centenário de fundação, sendo o mais antigo de Santa Catarina, destacando-se, dentre seus fundadores, a família S. Thiago, cujos integrantes professavam o espiritismo, movimento religioso inspirado no bramanismo indiano.

Arnaldo Claro de S. Thiago foi ativo colaborador de "Blumenau em Cadernos", nos seus primeiros anos de existência, chegando, agora, perto das quatro décadas de publicação ininterrupta, tornando-se, por sem dúvida, êmula da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (42).

37 — Livro nº. 18 de batismos da Matriz cit.

38 — Id. ib.

39 — Cf. ARNALDO S. THIAGO, História da Literatura cit., p. 506.

40 — V. Famílias Brasileiras de Origem Germânica, v. VII, Inst. "Hans Staden", S. Paulo, p. 27.

41 — V. jornal "A Notícia", edição de 21.6.92, p. 9.

42 — V. Blumenau em Cadernos, t. V, dez. de 1962, nº. 121, p. 163.

ACONTECEU...

MARÇO DE 1996

— DIA 03 — É destaque na imprensa (JSC), o lançamento, em São Paulo, pela firma blumenauense Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos, de uma nova linha de produtos de higiene e proteção ao bebê. A iniciativa da vitoriosa empresa blumenauense, foi bem recebida pelos consumidores.

— DIA 05 — Foi aberta, com solenidade muito concorrida, nos pavilhões B e C da PROEB, às 14 horas, a EXPOTÊXTIL — Feira Internacional da Indústria Têxtil — reunindo 200 expositores do Brasil e do exterior. *** O atleta marchador Sérgio Vieira Galdino, de Blumenau, venceu a prova dos 20 quilômetros de marcha atlética da Oitava Copa Brasil, realizada em Itajaí.

— DIA 06 — A imprensa traz uma boa notícia para o povo do Vale do Itajaí: as três barragens de contenção de cheias, estão 80% (oitenta por cento) limpas. *** Débora Moser, eleita Miss Blumenau 1996, visitou o prefeito Renato Vianna. *** Na Galeria do Papel da Fundação Cultural de Blumenau, foi aberta exposição

de desenhos de Marlis Welinski. *** No Beira-Rio Shopping foi aberta exposição de fotografias de Marion Rupp.

— DIA 07 — No Shopping Neumarkt foi aberta exposição "Aquarelas e Paisagismos", com aquarelas, cerâmicas e mini-jardins, pela artista Rosita Meyer. *** A Câmara de Vereadores aprovou por unanimidade a lei que obriga o uso do cinto de segurança no município de Blumenau.

— DIA 09 — Numa das mais belas festas sociais dos últimos tempos, a bela jovem blumenauense Débora Moser, Miss Blumenau, foi eleita Miss Santa Catarina.

— DIA 12 — Foi aberta, no saguão da FURB, a exposição "Experiência em Três Idéias" — exposição de peças de cerâmicas dos artistas Deucher Ribeiro, Ely Steininger e Rosely Kletzer Moreira. *** No Teatro Carlos Gomes foi apresentada a peça "Eu Te Amo Mensalmente", interpretada por Claudio Cunha e Melissa Mell.

— DIA 13 — A partir desta data o uso do cinto de segurança em Blumenau tornou-se obrigatório, sujeitando os infratores a pesada multa.

— DIA 14 — A imprensa destaca a premiação recebida pela TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A. — o Prêmio Mérito Lojista 1995, como empresa brasileira de destaque e qualidade, no segmento Cama, Mesa e Banho. *** Na Galeria Municipal de Artes, da Fundação Cultural de Blumenau, aconteceu o coquetel de lançamento do projeto Exposição de Telas da artista plástica Inge Lauterjung e posse da nova Comissão Consultiva das Galerias de Arte e do Papel. *** O Município de Rodeio comemorou seus 59 anos de emancipação política. (14.03.1937).

— DIA 21 — Foi aberta, no Mausoléu Dr. Blumenau, a Exposição de Orquídeas e outras flores — edição 1996.

— DIA 22 — Segundo estatísticas fornecidas a imprensa, a violência no trânsito aumentou, pois nos primeiros três meses do ano, até esta data, foram registrados 374 acidentes, com 10 mortes, nas ruas da cidade.

— DIA 23 — Uma feira de objetos usados, no Teatro Carlos Gomes, foi o sucesso do fim de semana em Blumenau, com renda destinada a auxiliar o menino Erick.

— DIA 31 — Se o sábio Dr. Fritz Müller vivesse, estaria completando nesta data, 174 anos de idade. Ele nasceu na cidade de Erfurt, Alemanha, no dia 31 de março de 1822.

GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges (Continuação)

B1-112 — Maria Josefina Koerich, n. 24.08.1908 — R.C. de 23.09.1908, Spa (37-200).

B2-113 — Ermelinda Koerich, n. 27.10.1910 — RC. Spa de 30.10.1910, (41-237).

B3-114 — Evaristo Koerich, n. 23.10.1912 — RC. Spa de 27.10.1912, (46-260).

B4-115 — Augustinho Koerich, n. 30.01.1914 — RC. Spa de 05.02.1914, (47-273).

B5-116 — Tolentino Alberto Koerich, n. 23.09.1916 — RC. Spa de 29.10.1916, (50-298).

N6-53 — Regina Koerich, n. 1878.

N7-54 — Leopoldo Koerich, n. 25.10.1880, bat. C.T. a 31.10.1880, fl. 54, T 172 (7), + Leopoldo Bernardo Koerich, em 04.10.1912, c/32 anos, Spa, (92-34) — cc Clara Gorges, n. 1890, f. João Gorges, n. 1845, + Spa em 29.12.1918, c/73 anos — (56-63) e Agnes Müller, + 18.08.1918 Spa, c/70 anos, n. 1848 — (93V-51), f. Matias Müller e Catarina Haendchen — n/p Matias Gorges, n. 1795 e Margaretha Laux, n. 1804 — b/p Antonio Gorges e Maria Prim. Pais de 5 filhos.

B1-117 — Gadolefa Koerich, n. 11.10.1905 — RC. Spa de 15.10.1905, (31V-151) — cc Arnoldo Pedro Klasen em 09.04.1931.

B2-118 — Evald Koerich, n. 1907.

B3-119 — Mônica Koerich, n. 05.03.1909.

B4-120 — Clementina Koerich, n. 07.09.1910 — RC. Spa, 14.09.1910, (40V-233).

B5-121 — Conegunda Koerich, n. 03.03.1912 — RC. Spa, 07.03.1912, (42-248).

N8-55 — Emília Koerich, n. 25.12.1882, bat. C.T. em 07.04.1883, fl. 104/05 —

Big.

N9-56 — Bernardina Koerich, n. 1885 — cc Pedro José Meurer, f. José Matias Meurer e Catarina Junkes.

B1-122 — Antonio Rafael Meurer, n. 27.08.1912 — RC. Spa, 31.08.1912, (45V-256).

B2-123 — Maria Verônica Meurer, n. 18.03.1914 — RC. Spa, 22.03.1914, (47V-275).

N10-57 — Josefina Koerich, n. 1887 — cc Emílio Hilleshein.

B1-124 — Romualdo Hilleshein, n. 25.05.1908 — RC. Spa, 30.05.1908, (36V-196).

B2-125 — Deolinda Hilleshein, n. 24.07.1909 — RC. Spa, 30.07.1909, (38-212).

B3-126 — Blautina Hilleshein, n. 16.11.1910 — RC. Spa, 20.11.1910, (41V-239).

N11-58 — Isabela Koerich, n. 11.09.1890 — RC. Spa, 07.10.1890, (11-8).

N12-59 — Antonio Koerich, n. 1895.

F9-9 — Pedro Schmidt, n. 20.03.1850, bat. Spa a 02.07.1850, (75V-81), + em Spa a 11.11.1914, c/64 anos, (55V-46) — Cem. Louro, f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — n/p João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin — cc Luzia Ludwig, f. João Ludwig e Luise Elisabeth Winter. Pais de 9 filhos.

N1-60 — Julia Schmidt, n. 1876 — solt., + 10.10.1897, c/21 anos, sep. Spa.

N2-61 — Pedro Schmidt, n. AC. Big. — cc Catarina Pauli.

N3-62 — João Schmidt, n. AC. Sta. Maria — cc Maria...

N4-63 — Roberto Schmidt, n. AC. — cc Josefina Pauli.

N5-64 — Martinho Schmidt, n. AC. — cc Rosalina Pauli.

N6-65 — Luzia Schmidt, n. AC. — solt.

N7-66 — Maria Schmidt, n. AC. — solt.

N8-67 — Ana Schmidt, n. AC. — Solt.

N9-68 — Bernardo Pedro Schmidt, n. 04.09.1889 — AC., + 1948, c/59 anos, f. Pedro Schmidt, n. 20.03.1850 e Luzia Ludwig — n/p Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — cc Ana Berns, + c/22 anos — n. 1892, 3 anos depois de casada. Deixa 3 filhos.

B1-127 — Maria Schmidt, n. 09.04.1912. Em 08.02.1934 — cc Nicolau Guilherme Richartz, c/12 filhos — f. Guilherme Richartz e Maria Nicolau Simonis.

B2-128 — Apolonia Schmidt, n. 25.09.1914, viúva de José Pedro Meurer, n. 02.03.1912, f. Pedro Tomaz Meurer e Catarina Pelens.

B3-129 — Leonardo Schmidt, n. 24.06.1915, + em 1918, c/3 anos.

Bernardo Pedro Schmidt, n. 04.09.1889, casa-se 2ª. vez em AC. com sua cunhada Verônica Berns, f. Nicolau Berns e Maria Reitz, c/11 filhos.

B4-130 — Filomena Schmitt, n. 10.11.1918, AC. — cc José Dimon, c/3 filhos, n. 04.09.1912 — AC., f. Jacó Dimon e Júlia Zimmermann.

B5-131 — Bernardina Schmitt, n. 24.10.1920, f. Bernardo Pedro Schmitt e Verônica Berns. Em 10.11.1941 — cc o viúvo Jacó João Besen, n. 25.07.1888, f. João Antônio Besen e Gertrudes Simonis — m/p Cristóvão Besen e Margarida Schmidt — n/m Nicolau Simonis e Maria Waltrick, c/4 filhos.

B6-132 — Bertolina Schmitt, n. 10.11.1921, Irmã Doralina, freira da Divina Providência.

B7-133 — Evaristo Schmitt, n. 14.10.1923 — cc Luisa Besen, n. 19.08.1932, f. Jacó Besen (Jacó João Besen, n. em Rachadel). Sogro e cunhado — cc Ana Pauli — 1ª. esposa — n/p Cristóvão Besen e Margarida Schmidt, c/7 filhos.

B8-134 — Irineu Bernardo Schmitt, n. 04.08.1929 — AC., Bernardo Pedro Schmitt e Verônica Berns — cc Benjam Schütz, c/3 filhos, f. Zacarias João Schütz e Maria Kremer — n/p João Schütz e Maria Sabel.

B9-135 — Matilde Schmitt, n.12.10.1923, AC. — cc Bartolomeu Richartz, n. 14.05.1921, Rachadel/AC — f. João Richartz e Margarida Petry, c/10 filhos.

B10-136 — Margarida Schmitt, n. 13.11.1926, AC., f. Bernardo Pedro Schmitt e Verônica Berns — n/p Pedro Schmitt e Luzia Ludwig cc Gabriel André Meurer, n. 24.03.1921, f. André Tomaz Meurer, n. 1880, + 10.09.1952, c/72 anos e Margarida Nau — n/p Tomaz Meurer, casou 4 vezes — n/m Matias Nau e Margarida Schmitt, c/8 filhos.

B11-137 — Mônica Schmitt, + solt.

B12-138 — Catarina Schmitt, n. 15.08.1932, AC. — cc Abelino Besen, n. 05.11.1930, f. Jacó João Besen e Ana Pauli — n/p Cristóvão Besen e Margarida Schmidt.

B13-139 — Pedro Schmitt, n. 18.03.1937, AC. — cc Nilza Limberg, n. 06.08.1942, RS, f. Pedro Limberg e Anita Decker, c/1 filho.

B14-140 — Laura Schmitt, n. 19.10.1937, AC. — cc Norival Limberg, n. 26.04.1938, f. Pedro Limberg e Anita Decker.

B15-141 — Nair Schmitt, n. 18.11.1938 — solt.

B16-142 — José Airtton Schmitt, n. 07.04.1943 — solt.

B17-143 — Edelmo Schmitt, n. 22.12.1944 — solt., f. Bernardo Pedro Schmitt e Verônica Berns.

F10-10 — Jacó Nicolau Schmidt, + em Ang. a 22.06.1931, c/77 anos, n. 1854 — (9-2), f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — n/p João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791, em Brohl/Alemanha e Maria Madalena Wirschen, n. 1792, na Alemanha — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin.

Chegaram a 12.11.1828, no brigue Marquês de Viana e em julho de 1830, foram para Biguaçu — cc Almeida Maria Müller, f. Gustavo Müller e Carolina Bredel. Pais de 8 filhos :

N1-69 — Carlos Nicolau Schmidt — cc Filomena Hoffmann.

N2-70 — Carolina Schmidt — cc Henrique Hoffmann.

N3-71 — Reinoldina Schmidt, n. 23.06.1882, bat. C.T., 29.06.1882, fl. 93, T 193, (11) — Taquary, + Spa 20.07.1945 — (100-112), c/63 anos, f. Jacó Nicolau Schmidt, n. 1854 e Almeida Maria Müller — n/p Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — n/m Gustavo Müller e Carolina Bredel, + em Alto Varginha, c/7 filhos

— cc Jacó Müller, n. 1883, + a 08.07.1955, Spa, q/72 anos — (7-136), f. Matias Müller e Aninha Schweitzerl.

B1-144 — Ervino Müller, n. 1910.

B2-145 — Olga Maria Müller, n. 15.06.1912 — RC. Spa, 20.06.1912, (45-254).

B3-146 — Pedro Müller, n. 1914.

B4-147 — Evalina Müller, n. 1916.

B5-148 — Isidoro Müller, n. 1918.

B6-149 — José Lino Müller, n. 1920.

B7-150 — Maria Madalena Müller, n. 1922.

N4-72 — David Pedro Schmidt, n. 1886, f. Jacó Nicolau Schmidt, n. 1854 e Almeida Maria Müller — cc Apolonia Junkes, + Spa, 11.10.1915 — (93-47), c/23 anos — n. 1892, f. Nicolau Pedro Junkes e Elena Wilvert, c/3 filhos.

B1-151 — Wilibaldo Schmidt, n. 07.07.1912 — RC. Spa, 10.07.1912, (45-255). Em 1940, cas. Nova Galícia — cc Helena Rubi, f. Basílio Rubi Novak — resid. Av. Gaspar Viana, 226 — S.J. Batista — cep. : 88.240 — SC.

B2-152 — Amalia Olinda Schmidt, n. 09.07.1913 — RC. Spa, 15.07.1913, (46V-265).

B3-153 — Eduardo Alfredo Schmidt, RC. Spa, 30.09.1914 — (48V-286).

N5-73 — Augusto Schmidt — cc Filomena Freiburger.

N6-74 — Vicente Schmidt (Vicente João Schmidt), n. 1890, + 07.10.1946, Spa — (100-114), c/56 anos — —cc Maria Irene Schmitt, f. Clemente Nicolau Schmitt e Maria Leopoldina Clasen — n/p Nicolau Adão Schmitt e Ana Catarina Reitz. Pais de 10 filhos.

B1-154 — Lindolfo Schmidt, n. 1921.

B2-155 — Leonildes Schmidt, n. 1926.

B3-156 — Ivo Schmidt, n. 1927.

B4-157 — Maria Schmidt, n. 1929.

B5-158 — Vitório Schmidt, n. 1931.

B6-159 — Nilson Schmidt, n. 1934.

B7-160 — Dalmiro Schmidt, n. 1936.

B8-161 — Norma Schmidt, n. 1937.

B9-162 — Lauro Schmidt, n. 1938.

B10-163 — Arlete Schmidt, n. 1943.

N7-75 — Ana Hilda Schmidt, n. 1896, + em Spa a 26.07.1928, c/32 anos — (95-72), f. Jacó Nicolau Schmidt, n. 1854 e Almeida Maria Müller — cc Leopoldo Junkes, c/5 filhos menores.

B1-164 — Etelvina Cristina Junkes, n. 1921.

B2-165 — Bertilda Maria Junkes, n. 1923.

B3-166 — Maria Verônica Junkes, n. 1925.

B4-167 — Hilda Teresinha Junkes, n. 1928.

B5-168 — José Leopoldo Junkes, n. 27.07.1928, f. Leopoldo Junkes e Ana Hilda Schmidt — n/m Jacó Nicolau Schmidt e Almeida maria Müller.

F11-11 — Frederico Schmidt, n. 27.12.1855, bat. Spa a 03.02.1856, (68V-15), f. Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — n/p João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/p Henrique Schmidt, II n. 13.04.1754 e Catarina Kirst, n. 11.05.1759 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin, + Spa a 27.04.1856 — (53-6), c/4 meses.

F12-12 — Ana Schmidt, n. 30.09.1857, bat. Spa — L 1854/67, fl. 34, T 45 — (69V-25), f. Nicolau Adão Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — n/p João

Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin.

Por volta de 1876 — — cc Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 em Spa e + a 04.01.1924 em Ponte da Forquilha, Águas Mornas/SC, c/69 anos, f. João Gerent, n. 1822 e + 1855, c/33 anos, cc Ana Maria Waltrich, pai de 4 filhos menores, n. 1821 — n/p Miguel Gerent e Ana Maria Pudinger, + a 02.06.1863, c/76 anos, n. 1787 e sep. em Biguaçu — n/m Sebastião Waltrich e Ana Maria Wilhelms (Guilherme).

Com Ana Schmidt e Pedro João Gerent, estudaremos os descendentes de nossos avós maternos. Pais de 9 filhos.

N1-76 — Hermann Gerent, n. 06.07.1877, Rio Scharf — Bat. C.T. em 02.09.1877, fl. 6, T 51, (5), f. Peter Gerent, n. 21.08.1854 em Spa e Ana Schmidt — n/p Johann Gerent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819.

N2-77 — Maria Gerent, n. 1879 e + em Taquaras a 13.03.1952, (10-22), Ang., c/73 anos, f. Pedro João Gerent, n. 21.08.1854, Spa e Ana Schmidt, n. 30.09.1857, Spa — n/p João Gerent, n. 1822, + 21.07.1855 em Sta. Filomena — (53-3), c/33 anos e Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815, em Brohl/Alemanha e Margarida Bins, n. 1819, na Alemanha — b/p Miguel Gerent e Ana Maria Pudinger, + 02.06.1863 — Biguaçu, c/76 anos, n. 1787 — b/m João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 em Brohl/Alemanha e Maria Madalena Wirschem, n. 1792, na Alemanha.

Cas. SAI, em 22.07.1899, L 6, T 31, fl. 44 — cc Antonio Pedro Koerich, n. 1874, f. Pedro Estefano Koerich, n. 1838 e Margarida Schmitt, n. 1841 — n/p Estefano Koerich, n. 1802 e Catarina Esper, n. 1803 — n/m João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — b/p Bernardo Koerich e Gertrudes Michels — b/m João Pedro Schmidt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792.

Margarida Schmitt, é sobrinha de Nicolau Schmidt e Margarida Bins.

Antonio Pedro Koerich, + em Taquaras/Ang., a 09.05.1936, c/62 anos — (9V-11). Pais de 10 filhos.

B1-169 — Pedro Koerich, + c/18 anos — SAI.

B2-170 — Albertina Koerich, + c/2 anos — SAI.

B3-171 — João Rainildo Koerich, + em Urubici/SC — cc Paulina Turnes c/m filhos.

T1-143 — Wilson Sebastião Koerich, Contador na Felipe S/A, Rua Fúlvio Aduci — Estreito — Ônibus circular.

B4-172 — Ana Margarida Koerich, + no interior de Urubici/SC, f. Antônio Pedro Koerich e Maria Gerent — cc Leonardo Bunn.

B5-173 — Augusto Antônio Koerich, n. 25.06.1906, f. Antonio Pedro Koerich e Maria Gerent — cc Florentina Gorges, n. 17.10.1917, + a 19.04.1990, c/73 anos, f. Antônio Gorges e Maria Bunn, n/p Pedro Estefano Koerich, n. 1838 e Margarida Schmitt, n. 1841. Pais de 4 filhos.

T1-144 — Antônio Carlos Koerich — cc Celita da Luz, f. Cirilo José da Luz e Vilma Vieira. Pais de 5 filhos.

T2-145 — Mauro José Koerich, + 04.12.1949.

T3-146 — Judite Maria Koerich — cc Antonio Edelberto Sehnen.

T4-147 — Edith Maria Koerich, n. 27.01.1942 — Div. de Paulo Mendes Zeredo, c/5 filhos — Lages/SC.

B6-174 — Maria Verônica Koerich, n. 09.05.1909, f. Antônio Pedro Koerich, n. 1874 e Maria Gerent, n. 1879 — n/p Pedro Estefano Koerich, n. 1838 e Margarida

Šchmitt, n. 1841 — n/m Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Ana Schmitt, n. 30.09.1857 — b/p Estefano Koerich, n. 1802 e Catarina Esper, n. 1803 — b/m João Gerent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821 — b/p Bernardo Koerich e Gertrudes Michels — b/m Miguel Gerent e Ana Maria Pudinger, n. 1787 — cc Olímpio Antônio Kretzer, n. 25.07.1903, f. Antônio Kretzer e Rosalina Deschamps. Pais de 9 filhos.

T1-148 — Jairo Kretzer, n. 23.11.1932 — cc Maria Angélica da Cruz, n. 04.12.1936, f. Manoel José da Cruz e Angélica Maria Heinz. Pais de 2 filhas gêmeas :

Q1-8 — Angélica Maria Kretzer, n. 18.02.1974 — B.R. — cc Alamir César Althoff.

Q2-9 — Maria Angela Kretzer — Solt.

T2-149 — Guido Francisco Kretzer, n. 10.08.1935 — cc Nilma Vieira, c/5 filhos — Fl.

T3-150 — Ester Maria Kretzer, n. 04.02.1941 — cc Atair Vitor Rosar — B.R., c/3 filhos :

Q1-10 — Rudnei José Rosar, n. 10.08.1970.

Q2-11 — Donizete Luís Rosar, n. 22.07.1971.

Q3-12 — Viviane Rosar, n. 19.05.1977.

T4-151 — César Francisco Kretzer, n. 30.10.1938 — cc Alvimera Búrigo, s.s. — Fl.

T5-152 — Vasco Francisco Kretzer, n. 07.08.1937 — Fl. 1ª. vez cc Alméria, c/2 filhos. 2ª. vez cc Helena, s.s.

T6-153 — Tadeu Francisco Kretzer — Fl., n. 14.07.1944 — cc Dilva Lacerda, c/6 filhos.

T7-154 — Maria Aparecida Kretzer, n. 05.05.1946 — B.R. — cc Wilton Luis Nunes, c/1 filho.

T8-155 — Sônia Catarina Kretzer, n. 25.11.1949 — Joaçaba — cc Lauro Júcem, c/6 filhos.

T9-156 — Vânia Maria Kretzer, n. 12.03.1955 — cc Augusto Neff — 13 Tílias.

B7-175 — Nicolau Koerich — Urubici — cc Celestina Krieger, c/m filhos.

T1-156A — Rogério Koerich — Médico — Fl.

B8-176 — José Koerich, n. 27.08.1916, + 25.01.1974, c/58 anos — cc Emília Kuhnen. Pais de 9 filhas :

T1-157 — Terezinha Koerich, n. 20.10.1940 — cc José Leonardo Gorges, n. 30.11.1933, f. Clemente Matias Gorges, n. 1892 e Maria Goedert, n. 1905, f. João Francisco Goedert e Catarina Bunn n/p Jacó Goedert, n. 1845 e Celestina Stähelin — b/p João Jacó Gaedert, n. 1823 e Catarina Schmidt, n. 1823 — n/p Matias Gorges, n. 12.09.1860 e Ana Sens, n. 01.04.1863, f. Egidio Sens, n. 1822 e Catarina Meinchlein, n. 1839 — n/p Matias Sens, n. 1792 e Maria Catarina Schmitz, n. 1789 — b/p Matias Gorges e Gertrude Kuhnen, n. 1839, f. Matias Kuhnen e Catarina Lock — t/p Matias Gorges, n. 1795 e Margarida Laux, n.1804. Pais de 5 filhos :

Q1-13 — Gilson José Gorges, n. 03.10.1963.

Q2-14 — Carlos Roberto Gorges, n. 21.01.1965.

Q3-15 — Joseane Gorges, n. 30.07.1967.

Q4-16 — Gilberto Gorges, n. 15.04.1973.

Q5-17 — Celeste Gorges, n. 17.02.1964, +.

T2-158 — Ivone Maria Koerich — cc Waldemiro José Coelho,

T3-159 — Maria Aparecida Koerich — cc Moacir Bunn.

T4-160 — Genoveva Maria Koerich — cc João Deker.

T5-161 — Noêmia Isabel Koerich — cc José Broering, f. Atalívio Broering.

T6-162 — Maria Salete Koerich — cc Valdir Medeiros, f. Dimas Medeiros.

- T7-163 — Maria do Carmo Koerich — cc Almir Schmitt.
 T8-164 — Vera Lúcia Koerich — cc Armindo...
 T9-165 — Angela Maria Koerich — cc Adilson...
 B9-177 — Genoveva Koerich, + solt. — Fl.
 B10-178 — Paulina Koerich, n. 1920 — 2ª. esposa de Edelberto Weis Ramos, f. Henrique Córdova Ramos e Lídia Weis — 1ª. esposa: Nilza Kretzer Schmitz, c/ 1 filho.
- T1-166 — Anísio Anselmo Ramos.
 T2-167 — Henrique Antônio Ramos, n. 11.04.1946 — Urubici — cc Eloir Xavier.
 T3-168 — Afonso Edelberto Ramos — cc Lúcia Regina Granzoto.
 T4-169 — Renato Francisco Ramos — cc Cleusa Coelho.
 T5-170 — Carlos Alberto Ramos — cc Marli Araujo.
 T6-171 — Nilza Luiza Ramos — cc 1ª. vez Luiz Schemoto, 2ª. vez Flávio Fritak.
 T7-172 — Roseli Nadir Ramos — cc César Machado.
 T8-173 — Saulo César Ramos — cc Edimora Silva.
 T9-174 — Ruarez Ascânio Ramos — cc Rita Córdova Lis.
 T10-175 — Domingos Sávio Ramos — cc Sandra Koch.
 T11-176 — Lídia Maria Ramos — cc João Tristão.
 T12-177 — José Eugênio Ramos — cc Marli Ramos.
 T13-178 — Francisco Domingos Ramos — solt.
 T14-179 — Rubém Maurílio Ramos — cc Nenci Basílio.
- N3-78 — Filomena Gerent, n. 1881 — Spa, f. Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Ana Schmidt, n. 30.09.1857 — n/p João Gerent, n. 1822 e Ana Maria Waltrich, n. 1821 — n/m Nicolau Schmidt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819 — b/p Miguel Gerent e Ana Maria Pudinger, n. 1787.
 Em 05.02.1898, cas. SAI, L 6, fl. 30, T 3 — cc João José Meurer, n. 1873. Pais de 5 filhos.
- B1-179 — Pedro João Meurer, n. 1899, f. João José Meurer e Filomena Gerent. Em 12.05.1924, cas. SAI, L 9, fl. , T 30 — cc Hilda Momm, n. 1905, f. Clemente Momm e Catarina Kuhnen. Mora em Jaraguá do Sul, Tifa dos Monos — c/m. filhos.
- B2-180 — Maria Verônica Meurer, n. 14.08.1900, f. João José Meurer, n. 1873 e Filomena Gerent, n. 1881.
 Em 30.12.1922, cas. SAI, L 9, T 61 — cc Pedro Mees, n. 03.10.1899, f. Matias Mees e Cristina Lehmkuhl. Pais de 11 filhos:
- T1-180 — Zilda Mees, n. 08.10.1923, (irmã salesiana), f. Pedro Mees e Maria Verônica Meurer.
 T2-181 — Aldo Mees — Taió, f. Pedro Mees e Maria Verônica Meurer — cc Mariazita Dirksen.
 T3-182 — Ilze Mees — Superiora Geral da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição — Ipiranga/SP. A fundadora Madre Paulina, a Coloninha, foi beatificada à 18.10.91 por SS o Papa João Paulo II, em Florianópolis.
 T4-183 — Padre Lino Mees — Secular provedor do Sem. de Joinville, reside no bairro Fortaleza/Bl.
 T5-184 — Nelson Mees — cc Helda Balistiére.
 T6-185 — Celina Mees — cc Jorge Ribasa — U.S.A.
 T7-186 — Lino Mees, + c/1 ano e 11 meses.
 T8-187 — Yeda Mees — cc Silvéris Stringari — Trindade/Fl.
 T9-188 — Ivo Mees — (Curitiba/PR) — cc Elisabeth Konze.
 T10-189 — DÍVA Mees, n. 17.01.1941 — (Vila Nova/Bl) — cc José Stringari.
 Res. Rua Emiliano Júlio de Oliveira, nº. 34 — fone 0473-23-2043. Pais de 2 filhos:

(Continua)

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Alterada pela Lei Complementar nº. 108, de 22 de dezembro de 1995.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89010-001 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves
Diretor Depto. Histórico Museológico: Sueli M. V. Petry



Consórcio
Breitkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.